



UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAPÁ
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
DEPARTAMENTO DE PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DA SAÚDE

LAYANA COSTA RIBEIRO CARDOSO

**TECENDO REDES SOBRE A SAÚDE DOS POVOS TRADICIONAIS DA
AMAZÔNIA: UM ENFOQUE ANTROPOLÓGICO SOBRE A RELAÇÃO ENTRE AS
PRÁTICAS CORPORAIS E SAÚDE DOS RIBEIRINHOS**

MACAPÁ
2014

LAYANA COSTA RIBEIRO CARDOSO

**TECENDO REDES SOBRE A SAÚDE DOS POVOS TRADICIONAIS DA
AMAZÔNIA: UM ENFOQUE ANTROPOLÓGICO SOBRE A RELAÇÃO ENTRE AS
PRÁTICAS CORPORAIS E SAÚDE DOS RIBEIRINHOS**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Ciências da Saúde da Universidade Federal do Amapá, como pré-requisito final para a obtenção do Título de Mestre.

Área de concentração: Epidemiologia e Saúde Pública.

Orientador: Prof. Dr. Márcio Romeu Ribas de Oliveira.

MACAPÁ
2014

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Biblioteca Central da Universidade Federal do Amapá

306.1
C268t

Cardoso, Layana Costa Ribeiro.

Tecendo redes sobre a saúde dos povos tradicionais da Amazônia: um enfoque antropológico sobre a relação entre as práticas corporais e saúde dos ribeirinhos / Layana Costa Ribeiro Cardoso – Macapá, 2014.

90 f.

Dissertação (Mestrado) – Fundação Universidade Federal do Amapá, Programa de Pós-Graduação em Ciências da Saúde.

Orientador: Prof. Dr. Márcio Romeu Ribas de Oliveira

1. Ribeirinho – Amazônia – Aspectos culturais. 2. Vida ribeirinha – Amazônia. 3. Ribeirinho – Saúde – Amazônia. 4. Práticas corporais I. Oliveira, Márcio Romeu Ribas, orient. II. Fundação Universidade Federal do Amapá. III. Título.

LAYANA COSTA RIBEIRO CARDOSO

**TECENDO REDES SOBRE A SAÚDE DOS POVOS TRADICIONAIS DA
AMAZÔNIA: UM ENFOQUE ANTROPOLÓGICO SOBRE A RELAÇÃO ENTRE AS
PRÁTICAS CORPORAIS E SAÚDE DOS RIBEIRINHOS**

BANCA EXAMINADORA:

Prof. Dr. Márcio Romeu Ribas de Oliveira - UNIFAP
Presidente da Banca

Prof. Dr. Agripino Luz Alves Júnior - UNIFAP
Examinador – Arguidor

Profa. Dra. Eugênia da Luz Silva Foster - UNIFAP
Examinadora – Arguidora

Prof. Dr. Pablo Sebastian Moreira Fernandes - UNIFAP
Examinador – Arguidor

MACAPÁ
2014

Ao meu grande amor, Tiago.
Que me trouxe ao meio do mundo

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, que todos os dias destes dois anos de mestrado me permitiu seguir em frente em meio às adversidades.

Meu muito obrigada, mais que especial aos moradores da Comunidade “Jito Pequeno” que permitiram que este trabalho fosse realizado em sua moradia, abrindo-me, por diversas vezes a porta de suas casas e suas vidas para que eu pudesse entrar, sempre com um sorriso no rosto e um “cafezinho”, em especial à Dona Carmelina, que me tratou como se fosse da família.

Meu orientador, Prof. Dr. Márcio Romeu, um exemplo de que tudo pode se aprender de maneira simples e descomplicada, sempre estando disposto e por perto, sempre me mostrando os caminhos nessa jornada e me ajudando a trilhá-la com autonomia, você foi fantástico!

Ao meu marido, Tiago, que não mediu esforços para que eu pudesse realizar esta pesquisa, sempre me incentivando muito e não me deixando desistir nunca, levando-me à campo, fazendo contatos e articulações para que eu pudesse chegar até a comunidade, tudo isso com muito amor.

Aos meus pais, Zevandro e Marina, que foram incansáveis em seus incentivos, tudo sempre com muito carinho, fazendo a ponte “Belém-Macapá” quando aqui os materiais eram escassos, obrigada por sempre poder contar com vocês, vocês são as razões de eu ter chegado até aqui.

Obrigada, minhas queridas irmãs, Layza e Larissa, pois quando meus instrumentos, não somente de pesquisa mas também de estudos, “foram embora” vocês estavam lá permitindo que através de outros eu pudesse seguir em frente, por todas as vezes que pude contar com vocês até na hora dos desabafos, pela força de sempre, não conseguiria sem vocês.

Jeanderson e Zé Cláudio, do RURAP-Mazagão, agradeço a vocês por terem aberto os caminhos pela primeira vez me levando até a comunidade, este contato inicial foi imprecindível.

À minha querida amiga Darci, que me forneceu valiosíssimos materiais sobre a área de assentamento do Barreiro, fruto de seu trabalho e da equipe do RURAP em parceria com o INCRA, sempre disposta a ajudar.

À UNIFAP, pela oportunidade de ingressar em um curso de Mestrado. Aos queridos professores que me passaram um pouco do seu conhecimento grandioso, agradeço a todos na figura do Prof. Dr. Demilto Yamaguchi da Pureza.

À coordenadora do mestrado, Profa. Dra. Sílvia, por sua gentileza sempre, que mesmo sem perceber me deu muitas palavras de incentivo e me mostrou as coisas de uma maneira mais simples e descomplicada.

À Léa, secretária do programa, que sempre está disposta a ajudar, com sua calma e paciência, obrigada por tudo.

Ao IFAP por me incentivar tanto e permitir que eu pudesse hoje concluir com êxito o mestrado e a pesquisa, concedendo-me bolsa para que minha pesquisa fosse realizada, permitindo minhas idas e vindas até a comunidade e que as disciplinas fossem concluídas, meu muito obrigada na figura do Prof. Klenilmar Lopes Dias.

Aos colegas professores do IFAP, dentre eles, Érylyson, André, Mônica, Ronne, Brenda, Sandro, Victor Hugo, Lídia, que cobriram minhas ausências nos momentos que nos momentos em que não pude estar presente no trabalho em função de minha pesquisa, podem sempre contar comigo, serei sempre grata a vocês.

Às queridas amigas da coordenação pedagógica, Jamilly, Lene, Crislaine, Lívia, Luci, Mariele, Risonete, Cristiane e aos Coordenadores de Curso, Sandro e Michele, que sempre me compreenderam e incentivaram nos momentos que mais precisei no sentido de buscar soluções para que eu pudesse realizar minha pesquisa.

Aos amigos, Leandro, Priscila e Paula, que me emprestaram a internet no momento em que a minha não colaborou.

À minha querida amiga Larissa que sempre me apoiou nos momentos em que mais precisei.

Aos membros do Grupos de Pesquisa (NEPEFEL- UNIFAP), que em diversos momentos me ajudaram com minhas discussões teóricas, obrigada em especial à Cássia, Alessandra e Naiana.

Obrigada aos professores da minha banca de qualificação pelas excelentes contribuições que foram muito bem aceitas, agradeço-os no nome da professora elma Alencar, vocês foram fundamentais.

Obrigada aos meus colegas de jornada, vocês foram muito especiais neste caminho percorrido, Karina, Isabel, Janete, Analízia, Verônica, Naiana, Benedito, Vivi, Antônio e Rafael.

Obrigada aos meus ex-alunos da Casa-Escola da Pesca por serem minha fonte de inspiração e aos meus colegas professores que foram imprescindíveis para que eu me apaixonasse por essa jornadas entre as idas e vindas das visitas de alternância, Walmira, Zane, Heliane, Lenardo, Monica, Herlisson e a equipe pedagógica Aline e Sandra.

Obrigada a todos que direta e indiretamente me ajudaram nesta travessia!

Para domar a fúria deste rio
Em minhas mãos caboclas trago um ramo
De amor desfeito em remo, rima e rumo
Ao inseguro porto das palavras
Onde cansado ei de ancorar meu canto
À espera de tranquila preamar.
Eu fiz da minha pena a chave mestra
Capaz de abrir as portas deste mundo
Indecifrável e hostil – reino de mitos
Berço de lendas, fonte de conflitos
Razão e inspiração do meu cantar
Vem navegar comigo em meu poema
E ao eco lógico da minha lira
Reinventar as regras do viver.
(Águas & Mágoas – Juraci Siqueira)

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo compreender a relação entre práticas corporais cotidianas e saúde, interpretando, do ponto de vista antropológico, visto que cada grupo interage com o ambiente que o cerca e a sua cultura define como viver nesse ambiente físico, sendo a esta responsável pela transformação dessas ações, que são expressas através de linguagens, entre elas a corporal. O corpo é uma síntese desta cultura, porque expressa elementos específicos da sociedade da qual faz parte e o homem vai assimilando e se apropriando dos valores, normas e costumes sociais através dele. A pesquisa em questão foi realizada na Comunidade Igarapé do Samaúma em Mazagão baseando-se na perspectiva da bricolagem que propõe o entrelaçamento de diversos métodos a fim de possibilitar uma leitura mais ampla da situação encontrada no contexto em questão, sendo realizado o contato inicial com a comunidade através de seus representantes, a inserção ecológica tendo sido feito registros sobre as práticas corporais cotidianas através de diário de campo, além de registros fotográficos e aplicadas entrevistas para compor a bricolagem de métodos. No contexto em questão a saúde é percebida como sinônimo de vida com qualidade, sem doenças, sem dores, fato observado principalmente na fala dos moradores da comunidade. O cuidado com a saúde é percebido principalmente através da alimentação, descanso e práticas corporais. Porém, quando observamos o contexto local das práticas corporais é possível notar a influência da tecnologia em relação a estas práticas, como no caso da presença de motores na maioria dos barcos, no lugar de remos entre outros equipamentos, substituindo a cada dia o contato do homem com o meio em que vive, e em consequência, as próprias práticas corporais. Este contexto está em constante modificação de sua cultura devido ao intenso contato com município de contexto urbano, a chegada da energia elétrica e com ela aparelhos como a televisão, que é um veículo de informações de massa, e estas modificações acabam por substituir atividades como o banho de rio. Diante destes resultados verifica-se que é necessário incentivar a valorização da cultura ribeirinha, além de promover ações educativas em relação às práticas corporais relacionadas à saúde.

Palavras chave: Ribeirinho. Cultura. Saúde. Práticas Corporais.

ABSTRACT

This study aims to understand the relationship between everyday practices and bodily health, interpreting, from the anthropological point of view, since each group interacts with the environment around him and its culture defines how to live in this physical environment, being responsible for this transformation these actions, which are expressed through languages, among them the body. The body is a synthesis of culture because it expresses specific elements of the society to which it belongs and the man will assimilate and appropriate the values, norms and social customs through it. The research in question was held in the Community affluent of Samaúma in Mazagão based on the perspective of DIY proposing the interweaving of several methods to enable a broader reading of the situation found in the context in question, being performed the initial contact with the community through their representatives, the ecological engagement having been made records about everyday bodily practices through field diary, and photographic records and interviews applied to compose the DIY methods. In the context concerned health is perceived as synonymous with quality life without diseases, without pain, which was observed mainly in the speech of community residents. The health care is perceived mainly through diet, rest and bodily practices. However, when we look at the local context of bodily practices is possible to note the influence of technology on these practices, such as the presence of engines on most boats, in place of oars and other equipment, replacing the daily contact of man with the environment they live in, and therefore, their own bodily practices. This context is constantly changing its culture due to intense contact with the municipality of the urban context, the arrival of electricity and the appliances like television, which is a vehicle of mass information, and these changes eventually replace activities such as river bath. Given these results it appears that it is necessary to encourage an appreciation of the riverine culture, and promote educational activities in relation to bodily practices related to health.

Keywords: Amazonian native. Culture. Health. Corporal Practices.

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – População, Área e Densidade Demográfica.....39

Tabela 2 – População segundo situação de unidade domiciliar.....39

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1- Ribeirinho junto à natureza.....	28
Figura 2- Ribeirinho no espaço entre o rio e a margem.....	31
Figura 3- Casa na beira do rio.....	34
Figura 4- Mazagão Novo visto do rio.....	38
Figura 5- Comunidade Igarapé do Samaúma também conhecida como “Jito Pequeno”.....	41
Figura 6- Ponte sobre o rio na Comunidade Igarapé do Samaúma.....	45
Figura 7- Matapi e Tarrafa – instrumentos de trabalho ribeirinho.....	46
Figura 8- Televisão da casa do morador 2.....	48
Figura 9- Rede de energia elétrica da comunidade.....	57
Figura 10- Ribeirinho deslocando-se em sua canoa.....	60
Figura 11- Moradora em seus afazeres domésticos.....	62
Figura 12- Rede utilizada para descanso ou para ver televisão.....	63
Figura 13- Período de descanso da tarde.....	64
Figura 14- Ribeirinho carregando a tarrafa.....	67
Figura 15- Morador da comunidade assistindo televisão.....	68
Figura 16- Ribeirinhos deslocando-se de rabeta e utilizando celular.....	70
Figura 17- Esteira da casa de um morador da comunidade.....	71
Figura 18- Bicicleta pertencente a um dos moradores da comunidade	72
Figura 19- Ponte da comunidade.....	73

LISTA DE SIGLAS

CEP – Comitê de Ética em Pesquisa

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

INCRA – Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária

TCLE – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

UNIFAP – Universidade Federal do Amapá

SUMÁRIO

1. DESATACANDO O BARCO.....	16
2. “DESBRAVANDO A MATA”: A AMAZÔNIA.....	25
2.1. “ESSE RIO É MINHA RUA”: A AMAZÔNIA RIBEIRINHA.....	30
2.2. COMUNIDADE IGARAPÉ DO SAMAÚMA – MAZAGÃO – AMAPÁ – BRASIL.....	37
3. NAVEGANDO PELAS VIVÊNCIAS RIBEIRINHAS: CULTURA, SAÚDE E PRÁTICAS CORPORAIS.....	43
3.1. SAÚDE RIBEIRINHA.....	49
3.2. O CORPO ENTRE AS MARGENS: TECENDO AS RELAÇÕES ENTRE AS PRÁTICAS CORPORAIS CULTURAIS E A SAÚDE.....	59
4. REMANDO CONTRA A MARÉ: CONSIDERAÇÕES TRANSITÓRIAS.....	76
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	80
ANEXO A.....	86
APÊNDICE A.....	87
APÊNDICE B.....	90

1. DESATRAÇANDO O BARCO

Tecer significa construir algo artesanalmente, neste caso específico, tecer uma rede de pesca, construída a partir de alguns fios e nós formando uma teia em que os fios são os dados que se entrelaçam pelo contexto da comunidade ribeirinha amazônica através dos nós que dão complexidade a esta rede composta de práticas, neste caso as práticas corporais¹, e tecidas pelas vivências peculiares dos sujeitos desta pesquisa as quais a sua cultura dá forma, sendo capaz assim de perceber de que forma a saúde está presente nesta teia de significados.

Como pano de fundo que dá forma a esta teia temos a região que é denominada de Amazônia, além de ser um grande e complexo ecossistema, também pode ser considerada o espaço e o tempo de um significativo contingente populacional quando se trata de seres humanos, já que nesta região existe uma grande parte da população nas áreas urbanas, porém existem milhões que vivem nas áreas rurais, inclusive nas áreas onde o rio marca a paisagem, as chamadas áreas ribeirinhas, tornando-se necessário conhecer não somente onde essas pessoas vivem mas também sua diversidade sociocultural e situação de saúde para que estes possam ser não somente visualizados dentro do Brasil e da Amazônia, mas para que estejam inclusos .

Estas percepções começaram a instigar a vontade de investigação sobre esta dada realidade no ano de 2010, pois tive a oportunidade de trabalhar na zona rural em um projeto denominado “Casa-Escola da Pesca” que tinha como principal objetivo formar ribeirinhos das mais diversas ilhas para contribuírem junto à sua comunidade, para tanto o educador deve conhecer a realidade em que está inserido aquele educando, e em se tratando de Educação Física, comecei a observar que as práticas corporais apresentam relação direta com o ambiente que os cerca assim como aos aspectos da realidade o qual estão inseridos, e percebendo que nesta realidade estes, as práticas corporais, o ambiente que os cerca e a cultura, são indissociáveis, surgindo assim algumas indagações, dentre elas, o problema de pesquisa em questão.

Diante destes questionamentos, comecei a perceber a importância de se incluir estudos acerca das práticas corporais das populações tradicionais da

¹ Este conceito será trabalhado de forma mais aprofundada no capítulo 3.

Amazônia relacionando-as com a cultura, para detectar os possíveis problemas de saúde pública e sugerir ações que possam auxiliar na promoção do bem-estar destes povos, considerando que estes dados coletados de uma população darão oportunidades aos profissionais da área da saúde em tomar as decisões necessárias, para que haja uma melhoria na qualidade de vida desses sujeitos, evitando assim um problema de saúde pública, que com o decorrer dos anos possa se tornar mais agravante.

Dessa forma, eleger as práticas corporais culturais presentes no dia-a-dia dos ribeirinhos, desde os afazeres domésticos até suas atividades laborais como objeto de estudo da Educação Física é um grande desafio, pois ela pode contribuir para a explicação das questões corporais relacionadas à saúde. Mas, diga-se de passagem, pouca repercussão teria no debate acadêmico e na sociedade se fosse tratada apenas pelo viés biológico, já que existem estudos anteriores que o tratam dessa maneira, é necessário lançar um novo olhar, e como se trata de povos tradicionais que vivem em um contexto específico, é preciso levar em consideração esta especificidade que os torna singulares. Portanto, associar tais práticas às discussões socioculturais alcança, sem sombra de dúvida, uma grande conotação visto que estes povos vivem “à margem” já que existem poucos esforços para incluir esses povos nas políticas governamentais, faltam ainda dados que permitam essa inclusão de forma correta com seus efeitos calibrados e concretamente avaliados, e, para isso é necessário conhecer a cultura daquele local, neste caso, a maneira como estes se relacionam com o corpo no meio em que vivem, por meio de suas atividades cotidianas.

A cultura é algo mutável, de acordo com a realidade em que vive o homem e as relações que este estabelece, se em épocas passadas, o homem utilizava suas práticas corporais como forma de sobrevivência, caçava para obter alimento, caminhava em busca de moradia, corria e saltava para se proteger dos perigos, hoje faz-se necessário verificar qual a relação existente, levando em consideração a relação corpo/natureza ali existente.

Diante desta condição, Maffesoli (1996) dá ênfase à relação corpo/natureza, muito presente na sociedade, essa relação torna-se mais forte ainda quando tratamos de povos que vivem na chamada zona rural, como é o caso dos chamados povos tradicionais da Amazônia, o que eleva a importância das discussões sobre as práticas corporais conectadas ao mundo vivenciado, compreendendo a forte relação

do sujeito com o espaço onde vive. É importante ressaltar o valor do estudo das características das práticas corporais cotidianas dos ribeirinhos amazônidas.

Matos e Ferreira (2007), ressaltando a invisibilidade em que vivem esses povos e ainda trazendo à tona alguns temas recorrentes na área da Educação Física, retratam que as questões socioculturais são ainda temas pouco comuns, talvez por tratarem de assuntos especificamente sobre o corpo, voltados para o mundo urbano, como é tradição: performance física, emagrecimento, treinamento desportivo de atletas, saúde corporal, medidas e avaliação, lazer, entre outros. Nesse sentido, encontra-se distante a discussão na qual permeia a relação corpo e cultura dentro de um ambiente rural no qual esses temas são pouco frequentes.

Sem dúvida, a Educação Física tem por objetivo contribuir para a discussão antropológica no meio rural, e, para isso, há necessidade de entender as práticas corporais que lá se desenvolvem, além de sua relação com a saúde, verificando de que maneira estas interferem no perfil epidemiológico desta população em questão.

Já que esse segmento da população fica muitas vezes “invisível” aos olhos da comunidade acadêmica, quando nos referimos à pesquisa, além de ser ignorado pelas estatísticas oficiais sem que o poder público tome conhecimento de sua existência e de suas necessidades.

Exemplo disso é que no Brasil é quase inexistente estudos relacionados aos povos tradicionais da Amazônia, dentre eles os ribeirinhos, se comparado ao enorme número de pessoas consideradas nesta classificação, dificultando assim a criação de planejamento estratégico que atenda as necessidades desta população com relação à saúde dentre outros aspectos, para tanto é preciso conhecer o perfil destas populações para que possam ser tomadas decisões, realizados planejamentos, que interfiram direta e indiretamente nas condições de vida deste segmento da população.

Nesse contexto, podemos perceber que é possível pensar o ser humano e suas ações enquanto um sujeito coletivo e social, que vai formulando e reformulando dia após dia diferentes maneiras de ser e atuar na vida. Diante disso, o encontro entre Educação Física e saúde coletiva poderá contribuir para o entendimento da saúde, das práticas corporais e da relação entre homem e natureza, considerando a complexidade que envolve estes temas. Para tanto se pergunta: de que maneira as práticas corporais cotidianas influenciam na saúde de ribeirinhos?

Diante deste questionamento tem-se como principal objetivo deste estudo compreender a relação entre práticas corporais cotidianas e saúde, interpretando, do ponto de vista antropológico, os aspectos epidemiológicos do ambiente ribeirinho. Sendo que para isto precisamos i) investigar as práticas corporais mais presentes no cotidiano ribeirinho que contribuem para a manutenção da saúde, ii) verificar as concepções de saúde na comunidade ribeirinha em questão, iii) interpretar do ponto de vista antropológico os aspectos epidemiológicos referentes ao contexto entre práticas corporais e as concepções de saúde presentes neste contexto e iv) verificar de que maneira o contexto vivenciado por eles interfere na saúde levando em consideração o contexto sociocultural em questão.

A “rede foi lançada” para que estes objetivos sejam atingidos, que aqui vem simbolizar os procedimentos metodológicos utilizados, a rede de pesca é geralmente utilizada por pescadores ou ribeirinhos para que estes possam obter seu sustento, neste caso, a rede simboliza o instrumento através do qual consegui coletar o material necessário dessa pesquisa, sendo esta composta por diversos fios entrelaçados que são eficientes apenas quando bem amarrados pelos nós, fios estes que representam cada um dos dados aqui presentes.

Trata-se de um estudo epidemiológico realizado por meio de uma pesquisa de cunho qualitativo, pois ao se tratar de condições de saúde devemos fazer referência à epidemiologia que é definida por vários autores como sendo “o estudo da distribuição e dos determinantes dos estados e eventos relacionados à saúde em populações e à aplicação deste estudo ao controle dos problemas de saúde” (LAST, 1983, p. 451). E, além disso, devemos levar em consideração a relação que a saúde tem com o meio social em que o ser humano se desenvolve.

Por conta desta percepção, a algum tempo vem desenvolvendo-se idéias relacionadas à epidemiologia marcadas pelo positivismo e pelo estrutural-funcionalismo, ficando as concepções de saúde divididas entre um positivismo quase ecológico e uma integralidade com base no contexto social. Minayo (2010) retrata que em consequência dessa relação, surgiu o conceito de saúde coletiva, que foi responsável pelo resgate das relações dialéticas entre saúde e sociedade.

Sendo assim, Epidemiologia Crítica ou Social, é entendida como conjunto de conceitos, métodos e formas de atuação prática que se aplicam ao conhecimento e transformação da saúde-doença em sua dimensão coletiva (ou social), tendo como

objeto os processos que determinam a produção de condições específicas de saúde e doença.

Nos anos recentes, nasceu um vínculo mais forte entre a epidemiologia e as ciências sociais, estimulado pela necessidade de reconhecer-se e documentar-se o amplo espectro dos determinantes da saúde, desde o nível micro em que operam os fatores biológicos individuais até os níveis macro que expressam as condições sociais em que vivem as populações, ocasionando o nascimento da chamada “epidemiologia social”. (KRIEGER, 2002, p. 7)

Essa junção entre ciências sociais e a epidemiologia traz consigo uma ampliação do foco, das ferramentas de investigação e relação com os métodos e abordagens da pesquisa social. “A pesquisa qualitativa contribui com as suas várias tendências, sejam mais etnográficas centradas na cultura, ou mais histórico-estruturais, centradas na organização social.” (ULIN et al., 2005, p. 23).

Em oposição ao modelo utilizado pelas Ciências Sociais existem outros indicadores como os indicadores quantitativos em saúde, em relação a esses indicadores, Machado (2004, p.42) relata:

Embora se reconheça a importância do papel da Epidemiologia nas pesquisas sobre a saúde da população, sabe-se que, para fundamentar as práticas de promoção da saúde e para implementar mudanças necessárias na organização dos serviços de saúde, faz-se necessário utilizar abordagens interdisciplinares, visto que os modelos quantitativos de riscos explicam apenas parte dos determinantes dos problemas de saúde que afligem a população. Isso pode gerar grandes frustrações em relação à efetividade de medidas preventivas que, derivadas de estimativas de riscos, apenas explicam uma parte menor do processo causal.

E ainda, podem gerar generalizações no que se diz respeito ao estudo da saúde-doença como processo coletivo particular de uma sociedade, no caso do presente estudo trata-se de uma sociedade rural, que por sua vez, tem elementos gerais, particulares e individuais, para tanto faz-se necessário adotar uma metodologia que considere os processos históricos e sociais constitutivos dessa comunidade amazônica.

Para “atravessar esse rio” foi utilizada a ideia da bricolagem como apontada por Claude Lévi-Strauss, na obra “O pensamento selvagem”, para designar um modo específico de pensar: o chamado pensamento mágico. A bricolagem

caracteriza-se como a definição “coringa” dos modos de pensar e construir idéias, objetos, espaços das classes não dominantes, o que ele considera em sua obra como o pensamento selvagem, que diz:

Como nas linguagens profissionais, a proliferação conceitual corresponde a uma atenção mais firme em relação às propriedades do real, a um interesse mais desperto para as distinções que aí possam ser introduzidas. Essa ânsia de conhecimento objetivo constitui um dos aspectos mais negligenciados do pensamento daqueles que chamamos “primitivos”. Se ele é raramente dirigido para realidades do mesmo nível daquelas as quais a ciência moderna está ligada, implica diligências intelectuais e métodos de observação semelhantes. Nos dois casos, o universo é objeto de pensamento, pelo menos como meio de satisfazer a necessidades. Cada civilização tende a superestimar a orientação objetiva de seu pensamento; é por isso, portanto, que ela jamais está ausente. Quando cometemos o erro de ver o selvagem como exclusivamente governado por suas necessidades orgânicas ou econômicas, não percebemos que ele nos dirige a mesma censura e que, para ele, seu próprio desejo de conhecimento parece mais bem equilibrado que o nosso; (LÉVI-STRAUSS, 1989, p.17)

Lévi-Strauss ressalta que a ciência do concreto é como se fosse uma espécie de bricolagem intelectual. Isto significa um trabalho feito a partir de materiais diversificados, sem um plano pré-concebido e ainda podendo seguir procedimentos que em nada se parecem com os processos técnicos.

Esta pesquisa apoiar-se-á também na bricolagem proposta por Kincheloe e Berry (2007) pois esta apresenta uma possibilidade de ruptura com o conceito positivista de pesquisa que procura fazer emergir a “verdade” a ser desvelada e compartimentalizada de acordo com a racionalidade cartesiana, pois está baseada na epistemologia da complexidade, considerando fundamental para a pesquisa compreender esta complexidade e para isto elaborando uma pesquisa a partir de uma observação do mundo, em que toda esta elaboração está delineada por uma teoria social que elabora o olhar do observador e sua interpretação dos fenômenos.

Quando o entendimento de um fenômeno dado é atingido apenas por um procedimento metodológico, este entendimento acaba por refletir uma postura reducionista, já que limita o olhar a uma perspectiva apenas, fortalecendo um posicionamento em detrimento de outros.

A bricolagem propõe entrelaçamento de diversos métodos, desde que adequados às situações encontradas na pesquisa, a fim de possibilitar uma leitura mais ampla da situação encontrada no contexto em questão. Kincheloe e Berry

(2007) afirmam que tal atitude em relação à pesquisa exige um rigor maior no que tange aos diversos métodos, já que para escolher os mais adequados às necessidades do pesquisador, é fundamental conhecê-los e estudá-los com rigor.

Kincheloe e Berry (2007) relatam que, no processo da pesquisa, o termo bricolagem é entendido como o emprego de diversas técnicas e estratégias conforme se tornam necessários no decorrer da investigação. Adotando uma postura ativa, a bricolagem rejeita roteiros preexistentes, solicita ou, até mesmo, cria os processos de investigação à medida que surgem as demandas. Ela permite que as situações possam dar forma as metodologias utilizadas, deste modo, nenhum instrumento pode ser privilegiado ou mesmo descartado com antecedência, implica selecionar estratégias, estando o/a pesquisador/a sempre atento à possibilidade de serem construídos novos sentidos e perguntas sobre o contexto e, sem apresentar respostas ou verdades definitivas.

Nesse entendimento do fenômeno a partir de diferentes caminhos torna-se necessário estabelecer um ponto de partida ou, como sugerem Kincheloe e Berry (2007), estabelecer uma porta de entrada: uma fala, um depoimento, uma imagem, uma vivência ou qualquer outro texto que se abra a infinitas interpretações.

Neste caso, a porta de entrada escolhida foi o contato inicial com o representante da comunidade, chamado por eles de líder da comunidade, uma espécie de patriarca ou matriarca do local que torna-se responsável por organizar basicamente as ações, por qual todos tem respeito.

No contato inicial, através de uma conversa, foi possível perceber, de maneira geral, como funciona a dinâmica daquela comunidade, seus hábitos, seus costumes a fim de estabelecer uma relação mais próxima com os moradores e conhecer um pouco da comunidade através da história oral contada pelo seu representante.

Deste modo, a História Oral proporcionou uma forma de compreender uma cultura por meio das ações de um determinado grupo social enfocando a permanência ou mudanças de compreensão e vivência no mundo entre os colaboradores com seu lugar e desdobrando-se no seu espaço, vale ressaltar que todos os relatos contados pelos moradores locais foram transcritos exatamente como foram pronunciadas as palavras para não descaracterizar a fala que também é um reflexo da cultura, e de que trata este trabalho.

Em seguida foi realizada uma reunião com os moradores da comunidade para esclarecer os moradores sobre a pesquisa, tirar possíveis dúvidas e fornecer o termo de consentimento livre e esclarecido (TCLE)

A pesquisa em questão segue todos os protocolos éticos de pesquisas com seres humanos tendo sido submetida ao Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da Universidade Federal do Amapá (UNIFAP) e sido aprovada em Março de 2013 e, desde então foram realizadas visitas periódicas para coleta de dados até o local que estenderam-se do mês de março de 2013 a setembro de 2013.

Em um segundo momento, entre idas e vindas, após a familiarização com os moradores da comunidade, foi realizada a inserção ecológica, na qual o pesquisador firma um contato mais estreito com o seu sujeito estudado no qual os registros sobre as práticas corporais cotidianas foram feitos a partir de observações relatadas em um diário de campo, além de registros fotográficos.

Referindo-se à inserção ecológica, Cecconello e Koller (2003) entendem que a base de toda investigação que a utiliza é possível a partir de uma interação recíproca e complexa na qual os pesquisadores são participantes e símbolos presentes no contexto imediato.

Em um último momento, foram realizadas entrevistas semi-estruturadas com alguns moradores da comunidade para compor a bricolagem de métodos.

A análise dos dados se deu pelo entretecer dos dados coletados na bricolagem metodológica, pois, o *bricoleur* é um artesão que vai unindo todos os dados em busca de que eles formem uma obra de arte, neste caso, tecendo-os para que os mesmos façam sentido, já que o mundo é complexo e precisa ser visto diante desta complexidade, por isso, as observações, registros fotográficos e a fala dos moradores são apresentadas e analisadas durante todo o texto sendo tecida juntamente com a ideias de autores nos quais este trabalho se baseia.

A respeito do entretecer feito pela bricolagem, Neira e Lippi (2010, p.2) definem:

Entretecer significa tecer juntos, tecer entremeando. O ato de entretecer fundamenta uma concepção de pesquisa que pretende construir com base em uma perspectiva crítica, questionadora, dialógica e dialética. Tecer juntos, entremeando, almeja uma produção coletiva de conhecimentos, respeitadora de múltiplas perspectivas e que contemple o ir e vir, o relativo, o temporário e o imprevisível da complexidade contemporânea.

O entretecer configura a bricolagem como recurso para a interpretação e construção de conhecimentos acerca da realidade e ao promovê-lo a partir de diferentes posicionamentos rompe com a arrogância de uma interpretação unívoca, favorecendo assim as múltiplas vozes e interpretações acerca das práticas sociais e, a partir desta concepção, vai sendo apresentado o contexto ribeirinho amazônico.

Os capítulos que seguem foram entretecidos da seguinte maneira: “Desbravando a mata: a Amazônia”, desbravar significa conhecer, desvendar, e este capítulo vem retratando, de maneira geral uma parte do Brasil chamada Amazônia, e com ela seus modos de vida, suas especificidades, retratando a riqueza não somente no que diz respeito à biodiversidade mas à cultura existente na região e que precisa ser visualizada para que possamos tomar conhecimento de sua real situação e necessidades, “Esse rio é minha rua: a Amazônia ribeirinha”, vem apresentando de maneira específica a cultura de um povo que vive literalmente à margem dos rios como principal meio de deslocar-se entre as margens, de um local para o outro, mas vive também à margem das ações, principalmente das políticas públicas que por diversas vezes não chegam pelos caminhos dos rios, e quando chegam, não são específicas para aquela realidade mas retiradas de uma realidade diferenciada e apenas impostas ali, é um mergulho pela cultura do ribeirinho amazônica, “Igarapé do Samaúma – Mazagão – Amapá – Brasil” retrata um pouco da realidade do município amapaense que possui o maior número de comunidades ribeirinhas do estado, levando ao olhar específico para a Comunidade “Jito Pequeno” que é o campo deste estudo, “O corpo entre as margens: tecendo as relações entre as práticas corporais culturais e a saúde” retrata as práticas corporais culturais do cotidiano de uma comunidade ribeirinha do estado do Amapá fazendo relação dessas práticas com a cultura sendo assim capaz de verificar as influências no estado de saúde dos ribeirinhos da região.

2. “DESBRAVANDO A MATA”: A AMAZÔNIA

Meu sangue é forte não dou bobeira
 O meu suingue é da mistura brasileira
 Que vem da mata, do vento forte
 Da dor do negro que o branco não sentiu
 Meu rosto sangra a nossa Amazônia
 Se liga que o futuro está aqui
 Pulmão do mundo sem proteção
 Vamos à luta, temos que nos dar as mãos

Não fujo da raia meu som faz feitiço
 Mistura de raça
 Orgulho mestiço
 Suingue que embala meu povo de brio
 Eu sou da Amazônia, Eu sou do Brasil
 (Homem da Amazônia – Júlio Patrício e Juninho do Cavaco)

A Amazônia se constitui numa região rica em biodiversidade e cultura. Sua população é composta por muitas etnias indígenas, em pleno domínio e uso de suas línguas e culturas específicas. Apresenta, também, a cultura cabocla vivenciada pelos grupos ribeirinhos que habitam o interior, às margens de rios, lagos e igarapés. Cavalcante e Weigel (2002) retratam que este contexto caracteriza os modos de vida amazônicos, representando experiência e conhecimento sobre formas de coexistência e utilização do meio local.

É neste pano de fundo que podemos perceber os mais diversos e peculiares modos de vida, um Brasil diferente do contexto urbano brasileiro e que devido suas necessidades específicas também merece ser olhado de acordo com esta especificidade, é uma grande área, ocupada por um contingente considerável de pessoas.

Em relação a esta área têm-se na literatura que:

A Amazônia, além de um vasto e complexo ecossistema, é também o habitat de um considerável contingente populacional humano. Grande parte desse contingente está concentrada nas áreas urbanas, porém milhões de pessoas vivem nas áreas rurais. Embora a Amazônia Legal tenha o maior contingente populacional rural do país, pouco se sabe sobre a diversidade sociocultural dessas populações, e muito menos é conhecido sobre sua situação de saúde. (JATENE et al., 1993, p.11).

Em relação à grandiosidade da Amazônia e sua população, Leite (2005, p.13) afirma: “a Amazônia Legal ocupa 56% do território brasileiro, o mesmo que 4,8 milhões de km². Segundo o censo demográfico, vivem na Amazônia 18,7 milhões de pessoas”.

Podemos colocar como exemplo Becker (1998) que demonstra em sua obra as dimensões gigantescas desta floresta, sempre pensada como um vazio demográfico a ser habitado pelo restante do país, sem considerar suas populações residentes (caboclos, seringueiros, ribeirinhos, pescadores, índios, quilombolas, camponeses, etc). Assim, a abundância e diversidade que marcam o ambiente, assim como o cenário social da Amazônia, demandam um olhar mais próximo capaz de traduzir as especificidades encontradas. É nesse sentido que suas populações residentes, ditas tradicionais devem ser visualizadas como detentoras de especificidades locais, não como muitas vezes são vistas, como no trecho a seguir:

Índios, negros e caboclos seriam portadores de uma cultura pobre, primitiva e tribal, portanto inferior. Eles nada teriam de positivo a aportar de positivo no processo de desenvolvimento.

Índios, negros e caboclos, foram considerados pelas camadas dirigentes como grupos sociais acomodados, passivos e sobretudo preguiçosos ; os três planos de desenvolvimento da Amazônia feitos pelo Governo Federal entenderam que não valia à pena incluí-los nos planos para beneficiá-los, porque eles não estariam dispostos a se engajar produtivamente no processo de desenvolvimento em curso da Amazônia.

O modelo econômico entendeu que índios, negros e caboclos ocupam enormes extensões de terra e nelas desenvolvem atividades econômicas de baixa produtividade, que pouco agregam ao conjunto da economia regional, porque não geram impostos. Neste sentido, desperdiçam as terras que ocupam tradicionalmente, as quais poderiam estar ocupadas por grades empresas multinacionais ou nacionais.

Como consequência desta e de outras pressuposições do mesmo gênero é que índios, negros e caboclos se tornaram invisíveis no conjunto das políticas públicas. Não foram e, com frequência, continuam não sendo tratados como atores sociais importantes nesse processo de desenvolvimento e mudança.

Geralmente, ou são omitidos ou estão citados vagamente nos planos do Governo Federal. (COSTA, 2001, p. 59)

Diante do exposto, o que se nota nesta região é uma tentativa de “desenvolvê-la” de acordo com os moldes específicos da sociedade urbana e capitalista sem levar em consideração o que suas populações tradicionais têm a acrescentar neste cenário. Com isso, a Amazônia tem sido atingida pelos resultados negativos de uma ação desenvolvimentista, inadequada, excludente e perversa, reafirmado por Furtado (1997, p. 139):

“Tem sido marcada por grandes intervenções sobre o discurso de integração no contexto de desenvolvimento nacional”, resultando “uma Amazônia desintegrada na sua unidade territorial; fragmentada em múltiplas zonas de influência política, econômica e social; e num processo de degradação acelerado – erosão genética e extinção de espécies;

isolamento dos homens que tradicionalmente a ocuparam, descaracterização cultural, poluição fluvial, aumento da incidência de doenças endêmicas, erosão e perda do solo, mudanças climáticas, etnocídio contra nações indígenas, urbanização desordenada e favelamento nos principais polos urbanos”.

Podemos assim perceber a invisibilidade em que vive o ribeirinho no cenário sócio-político da região e do Brasil, não permitindo que sejam mostrados seus saberes e muito menos seja levada em consideração sua capacidade de discernimento e tomada de decisões sobre a classe a qual pertence dentre elas a falta de assistência básica em saúde pública, educação, saneamento, deterioração do nível de qualidade de vida nas vilas e povoados, entre outros fatores tem contribuído paralelamente para as dificuldades em que se encontra a maioria das comunidades ribeirinhas amazônicas, não levando em consideração a especificidade local muitas vezes marcadas pela coexistência entre o tradicional e o moderno que marca esta cultura:

O entrelaçamento entre o tradicional e o moderno tem marcado a paisagem social desde os inícios da colonização até os dias de hoje. Entendemos o tradicional, para efeitos de análise, um modo de vida baseado essencialmente na estrutura social familiar e numa economia de subsistência de fraca integração mercantil. Já o moderno, compreendemo-lo em oposição ao tradicional, ou seja, baseado na funcionalidade social capitalista, de origem urbana e metropolitana. (COSTA, 2001, p. 105)

Sendo o tradicional imprescindível para estes modos de vida de fato aconteçam devido sua estrutura física e social, materializadas através das pontes que os cercam , o rio, os meios de deslocamento, as relações familiares. De acordo com a Política Nacional de Desenvolvimento Sustentável dos Povos e Comunidades Tradicionais – PNPCT:

A Comunidade Tradicional se constitui por grupos, culturalmente diferenciados, que se reconhecem como tais, por possuírem formas próprias de organização social, de modo a ocupar territórios e usar recursos naturais, como condição para a sua reprodução cultural, social, religiosa, ancestral e econômica, utilizando conhecimentos, inovações e práticas geradas e transmitidas pela tradição. (BRASIL, 2007, p.2)

Ainda em relação às populações tradicionais:

Um elemento importante na relação entre populações tradicionais e a natureza é a noção de território que pode ser definido como uma porção da natureza e espaço sobre a qual uma sociedade determinada reivindica e

garante a todos, ou a uma parte de seus membros, direitos estáveis de acesso, controle ou uso sobre a totalidade ou parte dos recursos naturais aí existentes que ela deseja ou é capaz de utilizar (DIEGUES, 2001, p. 83).

Na análise de Godelier (1984) sobre as populações tradicionais, a natureza fornece os meios de subsistência, os meios de trabalho e produção, os meios de produzir os aspectos materiais das relações sociais, os que compõem a estrutura determinada de uma sociedade, etc.

Como retrata Alcântara (2008) dizendo que nas comunidades as quais pertencem os ribeirinhos, a relação que o homem possui com a natureza se manifesta de forma diferenciada, pois enquanto nas comunidades urbanas a natureza aparece como um dos componentes dentro do imenso espaço físico de prédios, lojas e casas, para as comunidades tradicionais da Amazônia, ela é o destaque, ditando regras de relação com o meio ambiente a partir de uso comum dos recursos naturais, como principal meio de sobrevivência.

É um contexto com diversas peculiaridades já que o relativo isolamento que o rio foi capaz de delinear, permitiu a vivência à margem, em dois sentidos, desses povos com precário acesso às políticas públicas, nas áreas de educação e saúde, daí alguns autores definirem essas populações como povos invisíveis.



Figura 1 – Ribeirinho junto à natureza
Fonte: Pesquisa de campo

Como demonstra a Figura 1, em que o rio cerca um ambiente em que um homem equilibra-se em um tronco de árvore observando o embalar das redes dos outros ribeirinhos em seu momento de descanso.

Dentro deste contexto, o ribeirinho amazônida consegue delinear o espaço territorial, seja ele na terra ou na água, de forma equilibrada para os moradores da comunidade, e é este o personagem que melhor representa a Amazônia dos rios que, segundo Souza e Dias (2012, p.5) “em seu contato direto com a natureza entendem os rios, as florestas e ele mesmo como sendo uma coisa só”.

E, o processo de formação das comunidades amazônidas é um processo que não depende somente das relações sociais ali existente mas, depende também da relação que este tem com a natureza que o cerca, como se fosse uma relação de dependência.

Referindo-se a este processo, Chauí (1994, p.64) define como: “um processo, um movimento temporal de constituição dos seres e de suas significações, e esse processo depende fundamentalmente do modo como os homens se relacionam entre si e com a natureza”.

Que, neste caso, um “mundo” banhado pelas águas e regido pelo vai e vem das marés, e o que se espera para o futuro é um olhar diferenciado, assentado em políticas efetivas que sejam capazes de corrigir os problemas hoje vivenciados e não sanados, na maioria das vezes pelas políticas públicas introduzidas de maneira errônea, sem um prévio diagnóstico da realidade e necessidades locais. Correções que visem melhorias para o nível de qualidade de vida das populações que lá vivem, respeitando sua especificidade, esperando que elas não sejam atingidas pelas ilusões, não somente do processo de globalização, e nem marcadas continuamente pelos resultados de políticas públicas, programas e projetos adversos à realidade que vivem os povos tradicionais da Amazônia.

2.1. “ESSE RIO É MINHA RUA”: A AMAZÔNIA RIBEIRINHA

Esse rio é minha rua
 Minha e tua Mururé
 Piso no peito da lua
 Deito no chão da maré

Pois é, pois é
 Eu não sou
 De igarapé
 Quem montou na
 Cobra grande
 Não se escanCHA
 Em poraque

Rio abaixo, rio acima
 (...)

Me "arresponde" boto preto
 Quem te deu esse piché
 Foi limo de maresia
 Ou inhaca de mulher?

(Esse Rio é Minha Rua – Paulo André e Rui Barata)

Na Amazônia, os rios dentro da configuração do espaço tornam-se meios de sobrevivência, de circulação de mercadorias, de pessoas, fonte de alimentos, entre outras funções que o contexto o confere, configuram um padrão de organização espacial na medida em que as várias comunidades existentes crescem seguindo o curso de suas águas. Ao mesmo tempo em que esses rios possibilitaram uma organização social, possuem um sentido simbólico-cultural para aqueles que cotidianamente mantêm um tipo de contato com ele.

E, assim como os povos ribeirinhos constroem sua moradia na beira dos rios, aproveitando seu recuo, as vazantes, nas cheias, os rios voltam ao seus lugares, invadem os terrenos dos ribeirinhos, e não raro suas casas. Neste vai e vem de das marés e com elas a ocupação de espaço mútuo, seja por parte dos ribeirinhos ou por parte dos rios, estes personagens vão traçando um destino social, uma espécie de conexão, entre a comunidade e a água que as cerca.



Figura 2 – Ribeirinho no espaço “entre” o rio e a margem
Fonte: Pesquisa de campo (2013)

Um retrato deste ambiente cercado pelas águas é a Figura 2 que retrata o ribeirinho em seu caminho diário, no rio que se configura como rua, percorrendo seus caminhos.

Em relação a este contexto o autor Rieper (2012), ao analisar o cotidiano ribeirinho, ressalta a afetividade e o valor simbólico que os sujeitos mantêm com a natureza, e principalmente com os rios. Suas representações e atitudes revelam vivências e posturas coletivas em comum diante das suas atividades diárias de trabalho e de lazer. O sentido de valor ao espaço do cotidiano encerra o uso e a afetividade individual e coletiva. Os cursos d’água demarcam ou apontam um tempo em que o ritmo e a organização social se interligam.

O lugar, de acordo com a concepção de Rodrigues e Mota Júnior (2004) não se constitui como espaço físico, mas espaço que guarda o movimento do grupo social em suas práticas cotidianas e que, como processo social, transforma-se por meio da relação homem-meio-mundo.

No caso deste ambiente em especial, os períodos da vazante e da cheia indicam o momento de partida ou saída de barcos e similares, e até mesmo os caminhos a serem seguidos. Exemplo que pode ser percebido na Figura 5 feita no

Ramal da Inveja, uma espécie de “furo”² que somente pode ser seguido se o rio estiver cheio, caso contrário, o caminho a ser seguido tem que ser outro.

Ressaltando assim, como no trabalho de Rieper (2003), o elemento rio na composição do modo de vida ribeirinho. Ele expressa a relação sociedade e natureza, é o espelho das diversas formas de paisagem ribeirinha, que pode ser traduzida no uso múltiplo de tempos e de espaços em que são materializadas as atividades produtivas, como a pesca e a agricultura, vinculadas às dimensões simbólicas (imateriais), principalmente à ordenação do mundo vivido. Além da importância da percepção dos sujeitos em ver o rio compondo um conjunto de subjetividades - desde o lúdico até a reconstituição da memória social relacionada à vivência cotidiana nos rios.

Assim como Souza (2010, p.13) que define “o rio se movimenta no cotidiano da ilha como um ente que se alia ao ribeirinho em cumplicidade”, Loureiro (1995) apresenta o rio como uma realidade labiríntica, fator dominante na estrutura local e humana que confere um ritmo à vida regional. Tudo transita em suas águas, a fartura e a carência, a formação e a destruição, a inundação e a seca, a circulação humana e de bem simbólicos, a política e a economia, o comércio e a sociabilidade, para o autor o rio está em tudo.

As famílias ribeirinhas relacionam-se de maneira singular com a natureza, tendo sua vida organizada de acordo com ela, o vai e vem das marés, a terra e tudo que os cerca. Sendo assim, podemos utilizar a palavra contexto indicando de acordo com Lordelo (2002, p. 23) “as diferentes condições de vida em que as pessoas nascem e se desenvolvem, considerando a relação entre ambiente físico e o contexto sociocultural”.

Pode-se afirmar que coexistem várias maneiras do ser humano ver e interagir no e com mundo sendo capaz de identificar e explicar as relações e os acontecimentos do cotidiano, sendo que em todas as comunidades existem crenças, que por diversas vezes, explicam e moldam a vida das pessoas, são essas crenças que caracterizam e formam a essência da cultura de um povo e de uma comunidade, no caso da comunidade ribeirinha, a natureza e mais especificamente o rio são elementos que moldam esses acontecimentos.

² Trata-se de um igarapé que deságua dos rios maiores, uma espécie de “passagem” dentro dos rios

Além desta relação com o ambiente, o ser humano possui a necessidade de relacionar-se com outro dentro do contexto o qual está inserido. O resultado dessa relação de interação entre pessoas que apresentam as mesmas crenças formará e sustentará um determinado grupo social, que de acordo com Mello (2000, p. 41) “consiste na soma total e organização de idéias, reações emocionais condicionadas e padrões de comportamento habitual que seus membros adquirem pela instrução ou pela imitação de que todos, em maior ou menor grau, participam”.

Portanto, fatores comuns entre seres humanos que compartilham de um mesmo ambiente, formadores de um grupo social e o contato desses com outros grupos resultará em uma sociedade, que possui valores comuns e se apresenta em constante modificação.

Nas comunidades ribeirinhas amazônicas estas características entrelaçam-se de maneira singular, diferenciada, e, é partindo destas diferenças, também chamadas neste estudo de peculiaridades, de cada comunidade específica que caracteriza e torna imprescindível o estudo antropológico.

E esta singularidade se dá principalmente por conta da historicidade que envolve a formação destes territórios como Ribeiro (2010, p.6) retrata:

O Espaço ribeirinho foi constituído na Amazônia a partir de correntes migratórias, ou momentos de migração, ocorridos em todo o período histórico da formação social desta região, contudo foram nas relações sociais que desenvolveram e caracterizaram o viver ribeirinho na Amazônia. Os ribeirinhos apresentam um histórico de migrações, gerando uma complexa e específica formação cultural – identitária, contudo será na relação de interação com o ambiente amazônico que o ribeirinho, bem como o auto-reconhecimento como tal, consolidará seu conhecimento e suas experiências formando, re-formando e dinamizando por mais de um século o espaço amazônico com suas crenças, maneiras de viver e interagir diariamente.

Esta formação social foi e ainda hoje é marcada pela relação do homem com o meio, no caso ribeirinho, uma relação de dependência com o rio e também a mata, formando assim a identidade ribeirinha, dos povos que vivem na beira dos rios.



Figura 3 – Casa na beira do rio
Fonte: Pesquisa de campo (2013)

Esta composição identitária é marcada historicamente pelo isolamento (Figura 6), no caso das comunidades ribeirinhas, pelo rio e pela mata, local em que este grupo social foi organizado. Os ribeirinhos desenvolveram por conta das diversas peculiaridades uma compreensão específica de ver e viver, na tentativa de explicar os fenômenos e as situações as quais perpassam todos os dias, o ribeirinho apresenta uma cosmovisão que de acordo com Loureiro (1995), é uma visão imaginativa que se consolida das estruturas sociais de cada comunidade ribeirinha. Em relação à cultura:

A mistura de culturas Amazônica torna-se oposta a algo conservador e estagnado, vai além do dinâmico chegando ao subjetivo, expresso nas relações e ações do ser humano com o outro e com o meio, sendo vista como expressão da sociedade formadora da atual Amazônia. (RIBEIRO, 2010, p.7)

E essa oposição pode ser retratada através da afirmativa que os seres humanos jamais conseguem viver em um contexto sem alterá-lo. O ambiente onde está o homem – seja numa longínqua comunidade ribeirinha ou em uma grande metrópole - são permanentemente recriados. É condição intrínseca ao ser humano a

modificação, alterar o meio em seu próprio favor, melhorando cada vez mais o relacionamento que este tem com o ambiente.

Já que o ribeirinho interage das mais diversas formas com o ambiente, seja economicamente ou culturalmente, a mata e o rio tornam-se elementos materializados, constituintes da essência da identidade do povo que vive à beira dos rios. Além disso, a transmissão desses modos de vida se dá de geração a geração entre eles as crenças que representam e caracterizam o eu ribeirinho na Amazônia.

O eu ribeirinho, formador e componente de uma comunidade específica identifica-se como tal no seu dia a dia, ser ribeirinho significa ir além da concepção de morada na beira do rio, ser ribeirinho representa viver e reconhecer-se ribeirinho, uma vida marcada pela relação homem e meio ambiente, o pescador e o caçador, uma interação sócio-cultural refletida pela identidade ribeirinha (RIBEIRO, 2010, p. 7).

Ribeiro (2010) ainda coloca esta relação de construção, reconstrução, uma relação dinâmica, que retrata um pouco o viver ribeirinho a partir da identidade individual e social ribeirinha, a presença e o envolvimento de dependência com o rio e a mata. O ser ribeirinho vai além de morar a beira do rio ou igarapé.

É possível perceber através de observações e dos discursos que o ribeirinho é único, por isso, não se pode fazer generalizações, por mais semelhante fisicamente que estes sejam, todos apresentam suas especificidades. Percebendo estas diferenças deixa-se em aberto uma nova reflexão para a diversidade sociocultural dos seres humanos e a forma através da qual a sociedade lida com estas diferenças.

Loureiro (2000, p. 33) destaca esta especificidade do modo de vida ribeirinho, afirmando que a Amazônia apresenta dois grandes espaços culturais:

O espaço da cultura urbana e o da cultura rural. A cultura urbana está expressa nos modos de vida das cidades de médio porte e das capitais. Nestas, as trocas simbólicas com outras culturas são mais intensas, os equipamentos culturais são em maior número e mais estruturados, as mudanças ocorrem muito mais rapidamente. A cultura rural, caracterizada pela profunda relação do homem com a natureza e pela transmissão oral, manifestas nos modos de vida típicos do que se convencionou chamar de "interior", principalmente, no universo ribeirinho.

Esse universo aqui apresentado constitui a expressão mais tradicional e a que melhor retrata e conserva os valores da história cultural da Amazônia. Harris

(2000) também reconhece as peculiaridades do modo de vida ribeirinho da Amazônia. Nessa categoria inclui os sujeitos que constroem um modo de vida integrado pela agricultura e extrativismo vegetal ou animal, vivendo em função da floresta e dos rios. O rio, como podemos perceber em nossa pesquisa de campo, ao mesmo tempo é responsável por criar vínculos e também acaba por impor isolamentos entre essa população.

Sempre presentes, a mata e dos rios, através do vai e vem das marés, constituem aspectos do cenário singular onde a comunidade pertencente às ilhas desenvolve um modo de vida peculiar, típico da cultura amazônica ribeirinha.

O termo modo de vida é definido por Almeida-Filho (2004, p. 867) que entende como o "conjunto articulado de práticas cotidianas". Um conjunto de técnicas, de vida em grupo, de produção e transformação do meio é quem assegura a permanência do grupo ao local, tudo isso estando intimamente relacionado à cultura.

De acordo com Laraia (2005, p. 31): "O homem é o resultado do meio cultural em que foi socializado. Herdeiro de um longo processo acumulativo, que reflete o conhecimento e as experiências adquiridas pelas numerosas gerações que o antecederam".

Deste modo, cada ser interpreta individualmente o mundo a sua volta, normalmente a interpretação esta ligada com o grupo social que o indivíduo cresceu. Assim, as experiências adquiridas e acumuladas por gerações anteriores contribuem para a formação da identidade de uma comunidade e conseqüentemente nos indivíduos inseridos nestas comunidades.

A noção de meio ambiente não corresponde apenas à concretude de um conjunto de variáveis bióticas e abióticas mas, sobretudo, um conjunto de variáveis sociais, inclusive; equivale dizer, de acordo com Medina (1994, p. 9) "um conjunto gerado e construído ao longo do processo histórico de ocupação e transformação do espaço pela sociedade".

Meio ambiente no "olhar" antropológico incorpora as noções de concretude, no sentido de ser representado como base da vida, como fonte de recurso para consumo dos povos, como campo de trabalho os mais diversos; incorpora a noção de espaço simbólico onde se constroem relações que fundamentam os mais diversificados tipos de apropriação: como espaço de realizações pessoais relacionados ao gênero masculino de geração a geração; espaço onde se encontram as condições objetivas para a legitimação da coragem, do heroísmo, do destemor, tão valorizados a

cultura dos pescadores; espaço onde habitam seres ou entidades sobrenaturais que povoam a mente do pescador e que servem, por outro lado, de instrumentos reguladores da vida e dos recursos gerados nos ecossistemas costeiros, marítimos, ribeirinhos. (FURTADO, 1997, P. 147)

Situações decorrentes dessas interferências atribuem particularismos nas áreas de uso social devem ser consideradas ao longo do processo de transformações regionais, se quisermos, de fato, equacionar situações crônicas e/ou emergentes em benefício do desenvolvimento sustentável ou equilibrado das populações regionais.

2.2. COMUNIDADE IGARAPÉ DO SAMAÚMA – MAZAGÃO – AMAPÁ – BRASIL.

Na paisagem tinha uma samaumeira
Soltando paina no ar, viu
Soltando paina no ar
Samaúma, samaúma
Lava o mau amor pra lá

Que eu preciso samaúma
Namorar

Leva no vento
Aquele tempo de namoro
E espara
Que eu preciso samaúma
Na tua sombra namorar
Na tua sombra namorar.

(Amadeu Cavalcante – Samaúma)

A Amazônia (até por volta de 1950) apresentou baixa densidade demográfica, e a metade da população habitava a região costeira. “No Estado do Amapá as primeiras concentrações de moradias ocorreram principalmente nos municípios de Macapá, Santana e Mazagão” (SOUZA e DIAS, 2012, p.2). Nesse último, existem vários núcleos habitados dentre eles urbanos e rurais e, foi num destes núcleos rurais da região ribeirinha que foi feita a observação e coleta de dados deste trabalho.

Esta escolha se deu principalmente pela quantidade de comunidades ribeirinhas no município, o maior número de comunidades do estado. De acordo

com Zoneamento ecológico-econômico (2002), o município de Mazagão possui 1.318.960 hectares, faz limite com o município de Santana, Porto Grande, Amapari, Laranjal do Jari e Jari e é dividido em Mazagão Novo ou Sede, local de realização desta pesquisa, e Mazagão Velho.



Figura 4 – Mazagão Novo visto do rio.
Fonte: Pesquisa de campo, 2013

Mazagão Novo ou Mazagão Sede está localizado à margem direita do rio Vila Nova, no sul do Amapá, distante aproximadamente 29 km da capital, é um município muito rico culturalmente, pois suas raízes históricas estão inseridas no processo de ocupação da Amazônia, servindo como estratégia de defesa contra invasão de estrangeiros aos acessos ao rio Amazonas, em relação a esta história Monteiro e Câmara (2009, p.1) nos retratam:

Uma vila planejada, composta de muitas quadras que se distribuíam nas terras firmes às margens do rio que a partir de então recebeu o nome da vila, Rio Mazagão. Nome este, em homenagem as famílias que deixaram a velha Mazagão, no Marrocos, em função dos conflitos armados entre mouros e cristãos (1750-1769), que deu origem a Festa de São Tiago. Com a miscigenação dos povos, do colonizador mais o escravizado (índios e negros), o município agregou várias manifestações folclóricas que são cultuadas até hoje.

Após essa evolução histórica, segundo dados do Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA) atualmente o município de Mazagão é o quinto mais populoso do Amapá, apresentando um crescimento populacional nos

últimos anos, porém, em relação aos aspectos sociais, esses índices ficaram estagnados.

Tabela 1 - População, Área e Densidade Demográfica.

Anos	População (hab.)	Densidade (ha/Km²)
2000	12.027	0,91
2007	13.862	1.05
2010	17.032	1,30

Fonte: IBGE 2000 - 2010

Apesar de apresentar crescimento populacional da zona urbana, percebe-se, de acordo com a Tabela 2, que a população de Mazagão concentra-se mais na zona rural do município, sendo que na zona rural é que se encontram as comunidades ribeirinhas.

Tabela 2 - População Segundo Situação da Unidade Domiciliar

Anos	Urbana	Rural
1991	3.921	4.990
2000	5.972	6.014
2010	8.272	8.760

Fonte: IBGE (1991 – 2010)

O Município de Mazagão tem como principais limites o Canal do Norte do Rio Amazonas e os municípios de Santana, Vitória do Jari, Laranjal do Jari e Pedra Branca do Amapará. Sua história, uma das mais importantes do Estado, está ligada à criação do povoado de Mazagão Velho, em 1770, com a finalidade de abrigar famílias portuguesas provenientes da África. Em 28 de novembro de 1890, Mazagão foi elevado à condição de município. Atualmente, após ser desmembrado para a criação dos municípios de Vitória do Jari e Laranjal do Jari, a extensão territorial do município de Mazagão passou a ser de 13.189 km² e sua população, segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) é de 17.032 habitantes, situada em sua maioria na área rural e, grande parte da população rural em áreas

ribeirinhas, como no caso dos moradores da Comunidade Igarapé do Samaúma³, sujeitos da pesquisa em questão.

A comunidade Igarapé do Samaúma fica localizada em uma área de assentamento chamada Barreiro.

A área da comunidade do Barreiro está localizada a sul do Estado do Amapá, município de Mazagão, entrando pela margem direita do rio Mazagão pelo igarapé Inveja, saindo do porto da cidade de Mazagão em direção a área citada.

O meio de transporte utilizado pelos ribeirinhos desta comunidade é transporte fluvial por meio de pequenas embarcações, a agricultura praticada é de subsistência sendo os produtos mais cultivados, banana, cupuaçu, caju, mandioca entre outras, além da criação de animais de pequeno porte, nessas comunidades o que se produz basicamente serve para o consumo das famílias. Nessas áreas são cultivadas culturas anuais como milho, melancia, mandioca e feijão, além de semi-perenes como: cana de açúcar e banana.

Além dessas atividades descritas existem no Barreiro, algumas famílias que criam pequenos animais como galinhas, patos e suínos.

Até muito recentemente os ribeirinhos conseguiam viver com uma certa prosperidade rústica: pobres, mas longe de serem miseráveis. São agricultores de subsistência que produzem em regime familiar, e que vendem seu excedente para terceiros. Seus sítios ocupam as beiras dos rios da região. Assim, os ribeirinhos podem tirar proveito das águas e dos depósitos anuais de sedimento fértil que os rios proporcionam. (...) Embora alguns ribeirinhos cuidem de gado, a fonte principal de proteína, no "beiradão", continua sendo o peixe. (MAYBURY-LEWIS, 1997, p. 49)

O que não é produzido na localidade, como gêneros alimentícios e até mesmo outros como gasolina, material de limpeza, entre outros são comprados fora do Assentamento, principalmente nos municípios de Mazagão, Santana e Macapá.

Na comunidade não existe posto de saúde, no entanto, devido à proximidade da sede do município, a população é atendida no Hospital e Postos de

³ Samaúma é uma árvore frondosa, considerada sagrada para o antigo povo "maia" e os que habitam às florestas. É tida como a "Mãe da Floresta". Para muitos considerada uma rainha ou simplesmente uma princesa, pela sua enorme altivez e pelo que se constitui. Chamam-na também de barriguda; sumaúma; samaumeira ou sumaumeira. (<http://www.samauma.biz/site/samauma/tsm1228samaumaquesignifica.htm>)

Saúde de Mazagão. Porém, casos mais graves são encaminhados para a capital do estado, Macapá.

A Comunidade Ribeirinha Igarapé do Samaúma, historicamente também conhecida como “Jito Pequeno”, costuma ser um lugar pacato e silencioso, silêncio constantemente quebrado pelo barulho dos motores dos barcos, em que o rio e as árvores fazem parte da paisagem como vemos na Figura 5.



Figura 5 – Comunidade Igarapé do Samaúma também conhecida como “Jito Pequeno”
Fonte: Pesquisa de Campo, 2013

Morador 1, que é uma espécie de representante da comunidade, nos conta um pouco da história do lugar que se confunde com um pouco da sua história de vida, visto que esta é uma comunidade familiar. Ela veio de Breves-PA, com a família pois tinha parentes na Ilha de Santana, conheceu o filho de um seringueiro que trabalhava na região e aos 14 anos casou-se com ele e veio fundar a comunidade, e retrata: “Pra cá era demais bom”. Mora a mais ou menos 40 anos na comunidade.

O nome “Jito Pequeno” era o apelido de seu marido, nestas comunidades as pessoas costumam se conhecer através dos apelidos, e justifica: “As pessoas falava: ‘Borá lá no Jito Pequeno’, e foi ficando. E olha que ele não era pequeno. (risos)”

Hoje a comunidade possui 6 famílias. As principais fontes de renda dos moradores são a pesca, o extrativismo. Existem outras atividades realizadas pelos moradores da ilha como a de Agente comunitário de saúde e de transporte escolar, como retrata o Morador 1: “O outro meu filho é catraieiro, ele que leva os moleque”

Saindo do município de Mazagão Novo até a localidade são 30 minutos de “voadeira”⁴ saindo pelo Rio Beija Flor, atravessando pelos ramais da Inveja e do Espíndola até chegar no Rio Amazonas e finalmente chegar no Igarapé do Samaúma, guiada pelo Morador 2, este percurso é feito quando a maré está cheia. Quando a maré está seca o percurso do Mazagão sede até a comunidade é feito pelo Rio Amazonas.

A escola mais próxima fica na Comunidade do Urubueno, também localizada na área de Assentamento do Barreiro, e possui até a 4^a série. A igreja mais próxima fica localizada também na comunidade de Urubueno, que fica a 30 minutos de “catraio”⁵ da comunidade, segundo os moradores.

⁴ Embarcação de médio porte com motor.

⁵ Embarcação de pequeno porte com motor.

3. NAVEGANDO PELAS VIVÊNCIAS RIBEIRINHAS: CULTURA, SAÚDE E PRÁTICAS CORPORAIS.

“Sempre houve
um rio dentro de nós,
correndo ao longo de nossa
infância e de nossos sonhos,
banhando-nos, nutrindo-nos,
carregando-nos para longe
de todas as fronteiras de
nossa infância. Crescemos
todos assim – ao longo de um
rio, dentro de um rio, perto
de um rio – e tentando
interpretá-lo, como se fosse
nossa própria vida.
(Álvaro Pacheco)

Os saberes e fazeres da Comunidade Igarapé do Samaúma são construídos a partir das experiências cotidianas dos moradores, suas práticas, sejam elas corporais ou não, entrelaçam-se como uma espécie de tarrafa⁶, rede usada na pesca muito presente nas comunidades ribeirinhas, formada por fios, como se esses fossem as práticas, que se cruzam e por vários nós, que não se desatam, formando uma rede, através da qual é possível ver/perceber de que forma a cultura e a saúde se cruzam através das práticas corporais, que são o pano de fundo desta dissertação.

Ao adentrar na comunidade para realizar a pesquisa no mês de março de 2013 fui recebida ao mesmo tempo com muita gentileza e estranheza, as pessoas já

⁶ A tarrafa é um tipo de rede de pesca tecida a partir de doze fios envoltos num cordão de São Francisco, as mãos habilidosas do artesão vão criando as malhas (colméias em forma de losango) laçadas em nós simples que vão configurar os círculos concêntricos. Esse formato exigido pela interseção do círculo é acrescido de outros fios que vão formar novos raios, revelando a crescença (outras linhas que são incorporadas ao trabalho para ampliar a diagonal da tarrafa) e é finalizado com pesos de chumbo que têm a função de prender o peixe. Usando, como metáfora, os vários pontos que tecem a rede - de tal forma integrados e indissociáveis – ousa-se transportá-los para a rede de relações socioculturais (MENDES, 2007, p. 15)

não faziam suas atividades rotineiras, faziam as coisas para me agradar, as crianças se escondiam, me sentia como se estivesse incomodando. Comecei a perceber que os conceitos de cultura que eu já havia estudado começavam a fazer sentido na prática, pois por eles serem diferentes de mim, não em um sentido pejorativo, mas diferentes na sua maneira de enxergar a realidade, causava certa estranheza. Assim como eu os observava atentamente para fazer minhas anotações no diário de campo eles me observavam atentamente achando meu jeito de falar, de vestir, de comer, que o contexto urbano fora capaz de moldar, diferente, apenas diferente.

Podemos assim perceber que a cultura, um conceito fundamental da Antropologia, caracteriza-se como muito importante para qualquer pessoa que atue ou faça pesquisas, não somente em áreas rurais ou em contextos peculiares, mas, em qualquer contexto, caracterizado pela presença de pessoas pertencentes a diferentes classes sociais, religiões, regiões ou até mesmo grupos étnicos. Geertz (1989, p. 58) define-a como:

a principal base da especificidade da condição humana. É a cultura que revela a expressão do homem em seu modo de viver e se relacionar com o mundo(...). O corpo cultural, sede de signos sociais caracteriza a natureza cultural humana através da singularização, da construção social e de padrões culturais.

Para a antropologia, a cultura é o contexto que dá significado aos diferentes eventos e situações da vida.

Sendo para Geertz (1989) a Antropologia é uma ciência interpretativa, que busca significados, e não uma ciência experimental, que busca leis gerais. Nessa visão, o universo cultural é guia e reflexo da atividade cultural humana, e a cultura é um repositório de símbolos e de significados que permitem aos indivíduos interpretar suas experiências e guiar suas ações.

Diante da definição do autor, podemos ressaltar que uma pesquisa sobre uma dada cultura deve estar fundamentado principalmente na ideia de diferença, através de uma abordagem que consiste nas múltiplas possibilidades de explicar os acontecimentos, moldando-os e determinando-os através da maneira de viver de cada indivíduo, o qual está inserido em um contexto social compartilhando e adquirindo experiências.

Para tanto compreende este tipo de estudo como o que Geertz(1989, p. 29) define como “o estudo interpretativo da cultura representa um esforço para aceitar a

diversidade entre as várias maneiras que seres humanos têm de construir suas vidas no processo de vivê-las”.

Em um local que a água cerca e define os caminhos, em que o rio é a rua (Figura 6), o homem/mulher precisa criar condições favoráveis para viver da melhor maneira, essas adaptações que tornam esta realidade singular acabam delineando a cultura do local. Esta relação pode ser percebida na narrativa dos moradores, como podemos ver na fala do morador 2: “Tem época que tá bom pra pescar, mas tem época que num dá nada” ou mesmo no caminho entre a uma margem e a outra em que dependendo se a maré está cheia ou não pode-se pegar um “atalho” pelos furos das ilhas.



Figura 6 – Ponte sobre o rio na Comunidade Igarapé do Samaúma
Fonte: Pesquisa de campo (2013)

Em relação a cultura Geertz (1989) retrata que toda cultura deve ser interpretada, visto que, tanto as experiências individuais como as coletivas são vividas de muitas maneiras gerando um processo cultural diversificado em cada grupo.

Segundo Ribeiro (2010) essas experiências caracterizam o espaço e o tempo cultural das localidades ribeirinhas fazendo parte da história de vida dos moradores, uma vez que a cultura se manifesta de muitas maneiras na vida das pessoas, sendo produzida e materializada pelas representações sociais e culturais que são ritualizadas nos grupos sociais.

A cultura está ligada a qualquer tipo de prática que organiza o contexto em que cada grupo social se desenvolve, e este segue sua própria lógica. Trata-se de uma experiência de pertencimento e, conseqüentemente, formadora e mantenedora de grupos sociais que compartilham seus modos de vida, princípios e valores culturais.



Figura 7 – Matapi e Tarrafa – instrumentos de trabalho ribeirinho
Fonte: Pesquisa de campo (2013)

Cada grupo interage com o ambiente que o cerca, e a sua cultura define como viver nesse ambiente físico. Exemplo disto está na Figura 7 já que toda e qualquer sociedade busca meios de sobrevivência, e um deles é a obtenção de alimentos, neste local encontramos o matapi e a tarrafa que são utilizados para a pesca artesanal do camarão e do peixe, instrumentos específicos das áreas ribeirinhas, como retrata o parágrafo a seguir como sendo soluções particulares para a sobrevivência:

Devido ao caráter criativo e transformador, inerente às culturas humanas sobre o meio físico, pode-se encontrar, dentro de um mesmo tipo de ambiente, várias soluções particulares que respondem pela sobrevivência das sociedades. Sendo a cultura responsável pela transformação dos indivíduos em pessoas, em membros de determinado grupo que mutuamente se reconhecem. Além do mais, a socialização dos indivíduos é responsável pela transmissão dos sentidos acerca do porquê fazer. (LANGDON E WIIK, 2010, p.176)

E neste caso específico o porquê fazer pode ser justificado levando em consideração que nas áreas ribeirinhas a obtenção de alimentos é mais facilmente realizada através do rio que os cerca.

A explicação sobre o porquê fazer tem suma importância, visto que permite compreender a lógica de uma cultura e sua integração. A cultura oferece uma visão do fazer local, isto é, uma explicação sobre como se dá a organização de uma sociedade, e ainda a noção de como atuar em um mundo que ganha sentido e valor através deste termo chamado cultura.

Faz-se necessário, no entanto levarmos em consideração o local, pois a sociedade brasileira é complexa, além de ser estratificada por classes sociais, é formada por inúmeros grupos étnicos, segmentos populacionais das mais diversas crenças e costumes. Apesar desses grupos compartilharem aspectos da cultura geral, abrigadas sob o que se convencionou chamar de “cultura brasileira”, reconhece-se que esses grupos formadores da população brasileira detêm diferentes visões de mundo e percebem a realidade de maneira peculiar, gerando um complexo mosaico sociocultural (LANGDON E WIIK, 2010). Essa complexidade é pano de fundo do contexto que articula saúde, cultura e sociedade.

Dentro deste contexto com as suas várias articulações, surgem alguns modos de vida, nesse caso, um modo de viver e de sentir a vida que permeia a sociedade brasileira na qual os grupos sociais estão inseridos e adaptaram-se a eles, alguns mais cedo, outros mais tardiamente, o chamado modo de vida contemporâneo.

Nesta comunidade, podemos perceber que este modo de vida da sociedade contemporânea, que vem das chamadas sociedades urbanas, acaba por influenciar diretamente na cultura, ou seja, na maneira como o indivíduo vê e interage com o meio e com os sujeitos. Um dos principais responsáveis por esta influência, podemos dizer modificação, no modo de vida foi a chegada da energia elétrica acerca de 2 anos atrás, e com ela os meios de comunicação de massa como a televisão (Figura 9) e o rádio (Figura 10), responsável por trazer informações próprias do contexto urbano para um local em que talvez elas não sejam tão aplicáveis.



Figura 8 – Televisão da casa do morador 2
Fonte: Pesquisa de campo (2013)

A cultura é um sistema simbólico, claramente possível pelo isolamento histórico de grupos humanos, expressa as relações próprias da comunidade, passando por gerações até caracterizar-se como um sistema integrado de ações conjuntas, identificadas por suas ideologias, crenças, expressões, formas de ser e de estar. (GEERTZ, 1989, p.22)

O morador 2 conta que em seu tempo livre gosta de ver jornal e programas humorísticos na televisão e aos finais de semana vai para o Mazagão para as festas, segundo ele, “pra namorar”. O que demonstra que a cultura do lazer na comunidade ribeirinha está associada a atividades externas à comunidade ribeirinha, sejam elas através da televisão ou realizadas fora da comunidade, o que caracteriza uma “invasão” da cultura urbana neste ambiente.

Porém, esta cultura urbana que invade este território não está sozinha já que o ambiente que cerca o ribeirinho amazônida acaba por conferir condições específicas a esse fator:

Ao trabalhar especificamente a cultura ribeirinho-amazônica há que se considerar a história e a geografia que conferem a territorialidade ao local devido sua origem e ambientes peculiares, produzindo, por meio do trabalho e do lazer uma cultura fruto do sonho e da materialidade da condição de vida da região. (SOARES, 2010, P. 22)

Como também expressam Oliveira e Mota Neto (2004, p. 106) que relatam: “a cultura Amazônica é plena de saberes que expressam dimensões educacionais, religiosas, medicinais, produtivas e culturais”, porém não podemos esquecer das adaptações culturais sofridas por esta sociedade ao longo dos tempos.

Podemos notar estas adaptações culturais em locais como na maioria dos barcos, tanto aqueles para o deslocamento de pessoas como nos de pesca, a presença de motores no lugar dos remos produzidos artesanalmente. Podendo afirmar que:

Pode-se dizer que a civilização de “beira de rio” é herdeira da adaptação cultural mais tradicional da Amazônia, na qual o tapuio, índio destribalizado e seu descendente, o caboclo, desenvolveram formas de conhecimento e adaptação aos recursos, em consonância com as gerações anteriores. Têm-se, dessa forma, ali, um saber acumulado e uma socialização dentro de formas adaptativas bastante asseguradoras de que as novas gerações compartilharão dos conhecimentos e da competente adaptação. (COSTA, 2001, p. 65)

Diante deste contexto, vemos a importância de o próprio povo ribeirinho compreender os processos adaptativos às florestas, rios e outros recursos que fazem parte de sua vida, levando em consideração sua história e razão de viver típicos do seu meio, pois o caboclo amazônico não é um recém-chegado, ele já estava lá, é a própria história e precisa reconhecer seu papel e interpretá-lo, inclusive as adaptações sofridas, pois sem esta compreensão não se terá solução para algumas perguntas e estes continuarão a ser apenas estatísticas quando falamos deste contexto, inclusive da saúde.

3.1. SAÚDE RIBEIRINHA

A saúde é um dos aspectos pelo qual a cultura perpassa e lhe confere singularidade:

Nesse contexto da saúde, a antropologia, explicação do papel da cultura no entendimento das doenças, alarga as possibilidades metodológicas introduzidas pela Epidemiologia e permitem um olhar mais consistente e detalhado sobre o estado de saúde das populações, revelando diferenças e

apontando as explicações cabíveis para cada caso. (MACHADO, 2004, p. 25)

Quando tratamos de povos ribeirinhos não podemos deixar de mencionar que estes apresentam comportamentos e pensamentos singulares quanto às mais diversas experiências de vida, as chamadas vivências, assim como noções particulares sobre saúde entre outros conceitos que geram comportamentos específicos. Tais particularidades não advêm das diferenças biológicas, mas, sim, das diferenças socioculturais. Em suma, parte-se do pressuposto de que todos têm cultura, e de que é a cultura que determina essas particularidades. Igualmente, sustenta-se que as questões inerentes à saúde e à doença devem ser pensadas a partir dos contextos socioculturais específicos nos quais os mesmos ocorrem.

Uma expressão muito simples, muito popular e muito objetiva define saúde: estar bem fisiológica, emocional e socialmente. Em harmonia consigo mesmo e com tudo que está em volta. pessoas, coisas, ambiente e sociedade. Cuidar da saúde é muito importante, e a doença é vista como o contraponto de estar bem.

Devemos levar em consideração que o conceito de saúde deve ir muito além daquele velho conhecido por todos nós, no qual se entende que saúde é o estado de equilíbrio entre as funções físicas e mentais do indivíduo. A definição de saúde está relacionada às condições básicas de existência enquanto um direito social, o que diz respeito à moradia, alimentação, saneamento, educação, lazer, saúde, trabalho, entre outras, que se resume no espaço da conquista dos direitos.

Em relação à saúde, no contexto ribeirinho em questão, o Morador 2 retrata que: “Comer peixe faz bem pra saúde e pra inteligência da saúde. Fazer exercício também faz com que previna certos tipos de doença”, fazendo a relação entre uma boa alimentação e a prática de exercícios físicos e a saúde.

O mesmo morador ressalta ainda que: “O meu exercício é mesmo quando eu trabalho” falando sobre a importância das práticas corporais cotidianas relacionadas ao trabalho para a manutenção da saúde.

Mesmo sem ter um conceito definido sobre saúde, em suas falas é perceptível a relação entre a alimentação e a atividade física, relacionando-a não

somente a práticas em momentos específicos de cuidados com a saúde mas, retratando a partir de momentos cotidianos como no trabalho.

O morador 5 falando sobre saúde ressalta que: “Tem que ter cuidados, queimar o lixo, não ficar com água parada” visualizando assim a saúde muito além da relação do homem com ele mesmo mas também a relação existente entre a saúde e o cuidado com o meio já que em um ambiente rural ribeirinho a relação com o meio ambiente se torna uma relação de extensão do próprio homem, o meio ambiente não apenas figura naquele contexto mas faz parte de maneira efetiva.

Dentre deste contexto a saúde é quase que o reflexo da palavra cuidar, porém percebemos que, assim como os conceitos, as práticas estão muito ligadas ao saber como deve ser feito dentro de um contexto que não é aquele que o ribeirinho da comunidade encontra quando sai à sua porta, ou mesmo dentro de suas casas.

Nas idas e vindas até a comunidade Igarapé do Samaúma foi possível notar alguns episódios de doença, entre eles: diarreia, dor de cabeça, dor na coluna, esses os mais comuns, e, em um desses episódios o morador 1 fala sobre o morador 3: “Queria que essa menina fosse logo no posto” em outro episódio o morador 6 fala: “Ela toma remédio que o médico passou, mas ela nunca se curou” e ainda o morador 4: “tomo o remédio, mas aqui não tem onde comprar e aí quando não tem minha pressão sobe e me dá logo dor de cabeça”. Demonstrando que esses cuidados com a saúde, tão necessários, são, na maioria das vezes de difícil acesso aos ribeirinhos e que, nesse caso, a prevenção seria a melhor alternativa.

É possível, a partir deste foco, ampliar as investigações sobre a saúde e determinar em que investir para melhorar a saúde humana. Nessa ótica, privilegia-se logicamente não a remediação, mas sim a prevenção, e o centro das atenções passa a ser não o combate das doenças, mas a promoção da saúde.

Para a antropologia, a doença também não é redutível a uma evidência orgânica. Procurando fazer distinção analítica entre doença-processo e doença experiência, a Antropologia trata a primeira como “anormalidade dos processos biológicos e/ou psicológicos” e a segunda como experiência psicossocial. Nessa visão alternativa, a doença não é considerada como um simples reflexo do processo patológico (no sentido biomédico do termo), mas como uma construção cultural que se expressa em formas específicas de pensar e agir (UCHÔA, 1997, p.90)

Neste caso, a doença é um reflexo do cotidiano e seus processos do cuidar, não apenas uma condição patológica, mas existe toda uma história por trás dessa condição, um caminho para que se chegue até o ápice desse episódio e, é esse caminho que precisamos desvendar levando em consideração a organização e comportamentos singulares presentes nesse contexto.

De acordo com Langdon e Wiik (2010) a doença e as preocupações para com a saúde são universais na vida humana, presentes em todas as sociedades. Cada grupo organiza-se coletivamente para compreender e desenvolver técnicas em resposta às experiências, ou episódios de doença, sejam eles individuais ou coletivos. Com esse intuito, cada e todas as sociedades desenvolvem conhecimentos, práticas e instituições particulares, que se pode denominar sistema de atenção à saúde.

Na comunidade em questão esse sistema de atenção à saúde é regulado por uma equipe que visita a localidade e que é composta por uma equipe de profissionais da saúde dentre eles médicos, enfermeiros, dentista, aplicador de vacina e agente comunitário. Esta equipe atende às comunidades: Urubueno, Foz do Mazagão Velho, Foz do Ajudante, Igarapé Grande e Igarapé do Samaúma. No qual existem mais de 400 famílias e cada mês visitam uma comunidade diferente. Estes dados foram fornecidos pelo Morador 3 que é morador da comunidade e trabalha a 13 anos como agente comunitário de saúde da localidade.

A Equipe trabalha na parte preventiva da saúde levando vacinas, pesando e medindo crianças e ainda levando orientações sobre prevenção e tratamento de doenças. Porém, é possível verificar que a equipe não trabalha com orientações sobre uma vida mais saudável dentre elas uma alimentação balanceada, práticas de atividades físicas e outras orientações que estejam voltadas à esta realidade, principalmente em relação à prevenção das chamadas doenças crônicas, que são desencadeadas pelos maus hábitos de vida, dentre eles o sedentarismo⁷.

Na Comunidade Igarapé do Samaúma é possível perceber a presença das doenças crônicas e dos maus hábitos, como no relato do morador 1: “Esse derrame tá matando demais gente, meu marido morreu desse derrame, ele fumava muito,

⁷ O sedentarismo é a falta de atividade física suficiente para o corpo e que também acaba afetando a saúde (<http://www.infoescola.com/saude/sedentarismo/>)

fumou até quando tava se sentindo mal.. Fomentei ele com álcool. Nós foi pro Mazagão atrás da Doutora no hospital e ela encaminhou ele pra Macapá, ele nunca tinha ido no hospital, ele fazia tudo. Ele disse que o dia que ele deitasse em um leito de hospital ele não voltava pra casa. Ele não sabia que tinha a pressão alta, ele sentia muita dor de cabeça, nem ligava pra saúde, nem ligava pras coisa. Depois que ele morreu as meninas cuidaram de mim, senão eu já tinha morrido também, começou com a tireoide, as meninas fizeram um monte de exame em mim. Eu sinto demais sono por causa que eu tomo demais remédio”

E ainda na fala do agente comunitário de saúde que ressalta que as doenças que mais acometem as comunidades em questão são: Malária, Desnutrição Infantil e Hipertensão. Este ao relatar que trabalham com prevenção cita de forma enfática as vacinas porém, nenhum destes 3 agravos à saúde tem a vacina como seu principal método de prevenção. Diante deste quadro podemos notar que: “De qualquer forma, a partir desta visão local que se tem, mostra que os esforços da Medicina estiveram sempre mais associados à ideia de vencer a doença, do que à meta de promover a saúde”. (MACHADO, 2004, p.38)

Sendo a promoção de saúde essencial em um contexto onde o acesso às políticas públicas de combate e de acesso aos serviços de saúde são tão difíceis devido à distância entre as duas margens do rio.

Uma das formas mais eficazes de se promover a saúde ou mesmo de mantê-la é através das práticas corporais, visto que o sedentarismo é fator desencadeante das chamadas doenças crônicas não-transmissíveis que vitimam grande parte da população, inclusive as populações rurais, entre eles os ribeirinhos.

Apesar de poder haver divergências e contradições, sustenta-se, aqui, a premissa de que os valores, conhecimentos e comportamentos culturais atrelados à saúde formam um sistema sociocultural integrado. Das quais fazem parte os fatores relativos aos seres humanos, ao ambiente e a maneira que este comporta-se frente as situações cotidianas, que neste trabalho é chamado de cuidar. Portanto, as questões relativas à saúde e à doença não podem ser analisadas de forma isolada das demais dimensões da vida social, mediadas e permeadas pela cultura que confere sentido a essas experiências.

Faz-se necessário ainda levar em consideração as representações de saúde das populações, relativo a esta Minayo (2000) considera que essas representações sociais de saúde/doença, como expressão social e individual, cuja linguagem sobre a saúde/doença não tem como primeiro referencial o corpo, e sim, a sociedade e as relações ali existentes. A origem da representação da doença se apóia em fatores endógenos e exógenos⁸, presentes nas concepções dos povos, qualquer que seja sua cultura e a fase histórica em que viveram ou vivem.

Em outras palavras, as explicações do surgimento da doença por causas externas ao organismo estão ligadas também à sociedade levando as pessoas, através da influência cultural, a se adequarem a modos de vida pouco saudáveis.

Características sociais e culturais de populações específicas podem introduzir variações importantes na sintomatologia, na etiologia e nos comportamentos adotados pelos indivíduos para enfrentar as doenças ou mesmo para a manutenção da saúde (prevenção) (MACHADO, 2004).

Machado (2004, p. 30) ressalta ainda que:

Os estudos sobre transição ecológica sugerem a existência, no processo de urbanização das sociedades, de uma etapa típica dos países em desenvolvimento, na qual coexistem situações em que os setores mais ricos passam a ser vitimados, prioritariamente, por doenças crônicas não infecciosas e os setores mais pobres permanecem afetados por doenças infecciosas e nutricionais, embora também sejam atingidos por doenças crônicas não infecciosas, por violências e por outros fatores próprios do modo de vida urbano. Isso aconteceria sempre que, nos espaços submetidos à urbanização, subsistem contextos sociais com condições desiguais de acesso aos benefícios trazidos pela modernização e de usufruto desses benefícios.

Como no caso de alguns moradores da comunidade, como o Morador 5 e o Morador 6 tem hipertensão arterial, o que se caracteriza como um reflexo desse “desenvolvimento” que trouxe alguns hábitos da sociedade urbana com as inúmeras facilidades que a vida moderna oferece.

Em relação à saúde o Morador 1 retrata: “Eu ando igual uma farmácia, tomo um monte e remédio controlado, é artrose, é osteoporose”, “Se eu for contar meu problema é uma novela” – referindo-se às doenças e continua “Eu sofro da tireoide,

⁸ Levando em consideração esta concepção, os fatores endógenos situam-se na dimensão singular do indivíduo e os exógenos estão ligados as relações sociais de determinado grupo e dele com o seu meio ambiente (MINAYO, 2000).

uma inflamação que dá na garganta, as vez vai pra dentro as vez vai pra fora, sabe?”.

Mas as patologias não são entidades que se incorporam nas pessoas, como quaisquer outras coisas, elas dependem de condições para crescerem e se desenvolverem. E o desfecho, é apenas um clímax de um processo que começa muito antes, como é o caso das doenças crônicas. Em relação a isto Furtado (1997, p. 135) completa:

Mecanismos sociológicos, econômicos ou situações ambientais têm, pois, forte interferência na criação das condições de adoecimento, na manifestação e na incidência de doenças, e, às vezes, na própria origem de patologias. Uma doença, considera em si mesma, tem múltiplas razões para acontecer – um vírus ou uma bactéria precisam de condições ambientais como qualquer outro ser vivo, a degeneração precoce dos organismos reflete situações extra orgânicas, e é preciso buscar no passado, na geração anterior, as razões para as anomalias genéticas. E o que era controlável ontem, pode não ser hoje, em razão de alterações sociológicas radicais - bem como o que parece ser simples para uns, se torna fatal para outros.

Face à amplitude dos desafios existentes no mundo e nas ciências, novas formas de consciência são requeridas no campo da saúde em especial. Esses desafios demandam a participação dos profissionais nas transformações que as pessoas e o planeta como um todo anseiam e necessitam. Para que essa participação seja mais efetiva, é necessário ampliar o foco das concepções existentes e desenvolver novas categorias, com novos ângulos de sentido e de ação. Acredito que o momento histórico exige transcender a disciplinaridade e a unidimensionalidade e, em uma perspectiva integradora, pensar soluções para os problemas do presente e possíveis reorientações para o futuro.

“Se não estamos considerando todas as redes, no trato do cuidar da saúde, estamos reduzindo-o e simplificando-o, o que não condiz com a visão complexa da realidade”. (TEIXEIRA, 2000, p.182)

A questão a destacar é que o senso comum, o mundo das experiências de vida, o mundo da vida cotidiana deixaram de ser referência e passaram a ser interferência no cuidar, de essência passou a ser ausência, como no caso de algumas práticas que deixaram de ser levadas em consideração pelo fato de o cuidar estar relacionado ao uso de remédios, ida ao médico, em oposição às

experiências antes existentes quando uma margem era muito mais distante da outra pois o trabalho humano de remar tornava-o assim.

Mas, apesar de todas as dificuldades de acesso à maioria dos serviços básicos, dentre eles os de saúde, os ribeirinhos, em suas falas, consideram que a saúde no seu contexto local é “boa”, pois o significado de saúde para eles vai além da ausência de doenças, incluindo outras condições do ambiente ribeirinho, como ar puro, pouco barulho, destacando também o seu bem-estar social e individual, como no retrato abaixo:

Aprendemos ao longo do tempo que as condições de habitações interferem no curso das epidemias, e que jardins e ar puro podem ser coadjuvantes poderosos no tratamento de determinadas doenças. Também aprendemos que determinados tipos de trabalho conduzem a patologias a ele relacionadas, e que o ato de amamentar é também um ato de imunização. Precisamos ir mais adiante – precisamos colocar a saúde, não a doença, como objetivo mais importante do que estudamos e do que praticamos. Essa mudança de perspectiva é fundamental para que possamos entender a doença como uma expressão de desajustes no estar bem, que o povo consagra como definição de saúde. (FURTADO, 1997, p.136)

Colaborando com Furtado (1997), Porto (2004) observa que os problemas de saúde e ambiente apresentam elevados níveis de complexidade, incertezas e vulnerabilidades, exigindo análises integradas e holísticas que apontem para ações mais efetivas na promoção de saúde.

O ambiente é uma unidade integrada de vários planos – o físico, o biótico e, neles, o antrópico. A harmonia desses planos gera saúde e esta harmonia depende de cada contexto em especial. Num processo de desenvolvimento há tempo para que as alterações que se processam nesses planos se façam de forma progressiva, permitindo correções gradativas, acumulação de experiências e controle de desequilíbrios. Os saltos de crescimento – principalmente para atender necessidades outras que não as da população envolvida no processo – não permitem esta mudança controlada. Altera-se violentamente o plano físico, depreda-se o plano biótico – e as consequências para o plano antrópico são, muitas vezes terríveis.

Isso vem acontecendo de forma sistemática, na Amazônia. Injeta-se a tecnologia, tenta-se a renda a qualquer preço e sonega-se informação – ninguém

desconhece que as populações amazônidas são as que menos opinam sobre o seu próprio destino. Como no trecho a seguir:

E que elas usam agrotóxicos e antibióticos com a mesma naturalidade que cultivam plantas que acreditam afastar o mau-olhado – sendo que a arruda posta atrás da orelha ou o comigo-ninguém-pode na porta da rua não a expõem a maiores riscos. (FURTADO, 1997, p.138)

As alterações do ambiente rural, inclusive o ribeirinho, com a introdução sem vigilância de novas tecnologias e indefinições dos padrões de remuneração do trabalho, entre outras, nos remetem para um quadro sanitário que não estão solucionadas as questões do estágio anterior e que algumas vezes fazem oposição ao estágio atual.



Figura 9 – Rede de energia elétrica da comunidade
Fonte: Pesquisa de campo (2013)

Por isso, se torna necessária uma revisão sobre os saberes dos povos tradicionais da Amazônia, entre eles os da “beira dos rios”, inclusive do saber-saúde que rege a sistemática do cuidar naquela região, começando pela admissão da complexidade da saúde, as motivações existentes e suas relações com o indivíduo e o ambiente que o cerca, assim como das relações sociais. Não somente como meros oferecedores de um serviço imposto e automático mas, que cuja existência e

forma de procedimento deve derivar, sempre, do contexto social onde está inserido, não de um padrão verticalizado e imposto. Confirmando este quadro, Machado (2004, p. 21) diz que:

A natureza dos riscos à saúde humana tem variado ao longo dos anos. A disponibilidade e qualidade dos recursos, além dos perigos naturais existentes no ambiente, já foram fatores restritivos de uma existência saudável. Hoje, sobretudo nos países em desenvolvimento, esses fatores ainda comprometem grande parte da saúde da população, mas surgiram novos problemas associados aos modelos de desenvolvimento, ao uso de tecnologias nocivas, aos processos de industrialização e, em especial, à urbanização, reconhecida como um processo social que concentra parte da população em um certo espaço, no qual se desenvolvem aglomerados funcional e socialmente interdependentes, articulados em relações hierarquizadas. Esse processo social tem sido considerado a causa de grandes transformações na maneira de viver do homem, com crescente repercussão na qualidade de vida das coletividades envolvidas.

Por isso, a urbanização não pode ser vista como fator capaz de propiciar ou mesmo responsável apenas pelas mudanças tidas como promissoras, trazidas com a chamada modernidade. Ela também gera dinâmicas sociais que são responsáveis por efeitos nocivos para as coletividades, em especial, as que afetam a saúde.

Como podemos perceber na fala do Morador 1, quando fala de um dos avanços vindos para o local, a energia elétrica: “Essa luz que veio pra cá maltratou eles, eles que trouxeram a energia pelo mato”. Retratando que após a chegada da energia elétrica, com ela vieram algumas patologias, apontando dentre elas que os filhos hoje sofrem com dores nas costas, percebendo mesmo que de maneira superficial que esta trouxe malefícios para seus filhos.

A escassez de pesquisas que demonstrem os impactos nocivos da urbanização sobre a saúde, assim como os insuficientes investimentos para minimizar estes impactos, sugerem que se desconhecem as condições de saúde, sobretudo dos grupos populacionais que não foram alcançados pelas melhorias urbanas como os ribeirinhos. A não captação dos diferenciais de saúde pelos métodos epidemiológicos vigentes contribui para a elaboração de políticas públicas com foco comum para situações diferentes. Naturalmente que tais políticas não resolvem os problemas de saúde da população e transformam-se em fonte de desperdício de recursos públicos, além de provocar grandes frustrações sociais.

3.2. O CORPO ENTRE AS MARGENS: TECENDO RELAÇÕES ENTRE AS PRÁTICAS CORPORAIS CULTURAIS E A SAÚDE.

O ribeirinho interage com o ambiente que o cerca através do seu corpo, sendo este corpo uma síntese da cultura, porque expressa elementos específicos da sociedade da qual faz parte. O homem, através do seu corpo, vai assimilando e se apropriando dos valores, normas e costumes sociais, num processo de incorporação. Le Breton (2011, p. 17) dimensiona a posição deste corpo na sociedade:

As representações sociais atribuem ao corpo uma posição determinada no seio do simbolismo geral da sociedade. Elas nomeiam a diferentes partes que o compõem e as funções que desempenham, explicitam-lhe as relações, penetram o interior invisível do corpo para aí registrar imagens precisas, elas situam seu lugar no seio do cosmo ou da ecologia da comunidade humana. Este saber aplicado ao corpo é imediatamente cultural. Mesmo se é apreendido de um modo rudimentar pelo sujeito, ele permite-lhe dar um sentido à espessura de sua carne, saber do que é feito, vincular suas doenças ou sofrimentos a causas precisas e conformes à visão de mundo de sua sociedade, permite, enfim, conhecer sua posição perante a natureza e os outros a partir de um sistema de valor.

Desta forma, podemos perceber que o corpo é símbolo fundamental através do qual o ser humano interage com o contexto o qual faz parte, como no caso das sociedades que moram na beira do rio, os chamados “ribeirinhos”, que estabelecem, através de suas práticas corporais relações singulares com o meio, com o outro e consigo mesmo, como vemos na Figura 10, onde podemos perceber o ambiente em volta como determinante para que este possa desenvolver uma relação singular de deslocamento de um local ao outro através dos rios, desenvolvendo assim práticas específicas como o remar.



Figura 10 – Ribeirinho deslocando-se em sua canoa

Fonte: Pesquisa de campo (2013)

Silva (2005) apresenta uma ideia sobre as práticas corporais:

Compreendemos, também, que as práticas corporais, como fruto do processo de diferentes construções coletivas e como potencialidade individual, devem permitir vivências e experiências o mais densas e significativas possível. Devem ser intensas no tempo-espaço em que acontecem, nos constituindo como sujeitos por permitirem, também, o reconhecimento do semelhante e do diferente, a construção do sentimento de alteridade que tanto nos é neces-sário. A questão que se coloca, portanto, não é a indução por um estilo de vida, de modo algo pessoal, mas a invenção de uma possibilidade de vida.

Relacionado a essas práticas corporais na sociedade urbana nos dias de hoje estão principalmente vinculadas à utilização do tempo livre, melhoria da saúde, treinamento, entre outros, já na sociedade rural, dentre elas a ribeirinha, a ação corporal do homem está vinculada a questões de sobrevivência que se dá numa relação com o tempo cíclico. Dessa forma, a relação do homem com o seu corpo e deste com o meio não é a mesma nesses dois tipos de sociedade. Torna-se imprescindível estabelecer esta relação devido a necessidade de se levar em consideração a especificidade cultural existente entre o homem, seu corpo e a sociedade em questão.

De fato, esta relação não é a mesma nestes dois ambientes visto que a cultura é a responsável por dar forma às experiências e a maneira que as pessoas portam-se diante delas. Porém, a cultura não é estática, está em constante modificação de acordo com as influências sofridas por aqueles que lá vivem.

Estamos falando, desta maneira, do corpo enquanto uma construção social relativa à experiência cultural dos sujeitos em questão, indo muito além da parte fisiológica do organismo. Portanto, como retrata Le Breton (2006, p.18-19): “o homem não é o produto do corpo, pois produz ele mesmo as qualidades do corpo na interação com outros e na imersão no campo simbólico. A corporeidade é socialmente construída”.

Relativos a essa visão e construção do corpo e seus simbolismos na sociedade, alguns moradores quando questionados sobre o corpo riem, muitas vezes não sabem explicar o porquê de muitas de suas ações, pois elas já foram incorporadas ao seu cotidiano, através da construção social explicitada anteriormente. Como na narrativa do Morador 4 quando questionado sobre os cuidados com o corpo: “Eu acho que eu cuido do meu corpo (risos), faço as coisa tudo com ele(risos), ah, eu não sei explicar”.

O corpo, portanto, é uma paisagem em que se dão os jogos entre autoimagem e alteridade; entre mudança e perdurância; entre constrangimentos e buscas de liberdade, pois nele confluiriam as formas sociais conflitantes que se coadunariam aos ou desafiariam os poderes instituídos em relação aos agentes, que em verdade são sujeitos desejantes e sensíveis ao contexto no qual interagem, uma vez que o “corpo é similar a um campo de força em ressonância com os processos de vida que o cercam” (LE BRETON, 2006, p.26).

E, é neste corpo que se dão os processos de significação e ressignificação do que externamos através do que chamamos de movimento, que é retratado por Bracht (1997, p. 9) como: “O movimento é entendido como uma forma de comunicação com o mundo que é constituinte e construtora de cultura, mas também possibilitada por ela”

Para Bracht (1997), o que qualifica o movimento como humano é o sentido/significado mediado simbolicamente do mover-se e, em função disso, instalado no plano da cultura.

O movimento está tão enraizado ao ser humano que aquilo que é feito, na maioria das vezes, nem ao menos é notado, nem mesmo a intenção com que se faz.

Como no caso dos moradores da comunidade, o bater os pés para que o cachorro vá embora, ou a fomentação para a melhora de dores, entre outras práticas.

Em alguns casos, devido aos conhecimentos repassados de geração para geração, o movimento é visto como nocivo à saúde dos moradores como no caso dos moradores mais velhos do local que retratam que não podem fazer mais nada pois “os osso tão fraco”, nem mesmo as tarefas domésticas (Figura 11) são mais aceitas nesse caso, recebendo a ajuda dos moradores mais novos reiterando que “eu faço as coisa de teimosa, num posso fazer nada”, como se o movimento fosse algo ruim ou mesmo que agilizasse a degeneração do corpo ou ainda que fizesse com que o corpo ficasse propício à doenças, quando de fato é justamente o contrário.

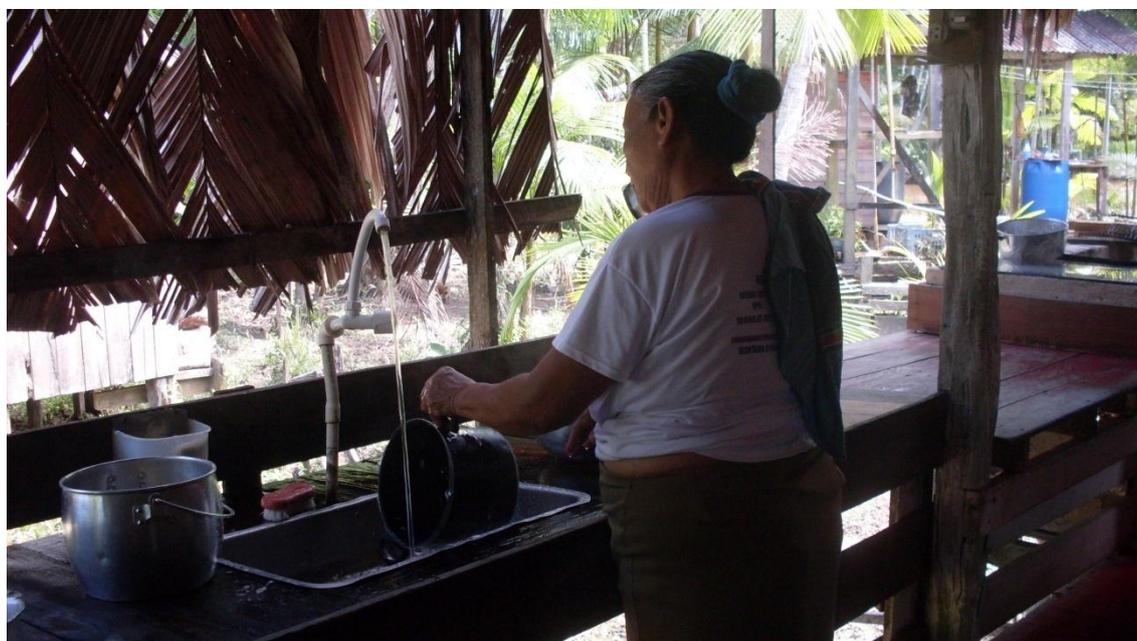


Figura 11 – Moradora em seus afazeres domésticos
Fonte: Pesquisa de campo (2013)

Ainda podemos perceber no dia-a-dia dos moradores da comunidade o descanso (Figura 14) como uma prática muito frequente, todos os moradores tem o costume de deitar-se no período da tarde, geralmente em redes (Figura 15), que são artefatos comuns nas casas de ribeirinhos, descanso este que dura cerca de 4 horas, alguns deitam-se para dormir e outros para assistir televisão, uma das explicações para tal prática foi o calor que faz neste período, sendo que alguns

moradores, principalmente os que ainda estão em idade escolar, vão para seus locais de estudo este horário.

Relatando o morador 4: “Aqui é calmo de tarde, a quieta tá pra escola esse horário. Temo que descansar, aproveitar, né?” e o morador 3: “Se eu não deitar minha perna fica fraca, fraca, eu não aguento”.



Figura 12 – Rede utilizada para descanso ou para ver televisão.
Fonte: Pesquisa de campo (2013)



Figura 13 – Período de descanso da tarde
Fonte: Pesquisa de campo (2013)

Sobre essas manifestações corporais culturais e a maneira como se materializam na vida das pessoas, Soares et al (1992, p.39) ainda afirmam que “a materialidade corpórea foi historicamente construída e, portanto, existe uma cultura corporal, resultado de conhecimentos socialmente produzidos e historicamente acumulados pela humanidade que necessitam ser retraçados e transmitidos”

É ainda possível perceber que algumas práticas como a fumentação estão presentes somente nas práticas das pessoas que tem mais idade no local pois essas práticas corporais específicas são frutos de saberes culturais acumulados marcados por uma cultura corporal simbólica, produzida por várias gerações, conhecimentos que expressam as formas de viver e compreender o mundo, as representações, valores sociais que estão sendo substituídos por novas formas de cuidar como a fisioterapia. Como percebemos no depoimento do morador 1: “Eu me sinto bem quando eu faço a fisioterapia, faço às vez em casa, mas às vez eu me esqueço (risos), fazia coisa pra perna, coisa pro braço.”

Colaborando com esta ideia Daolio (1995, p. 40) diz que: “o corpo é o meio do homem assimilar e apropriar dos valores, normas e costumes sociais, ou seja, adquirir um conteúdo cultural, que se instala no seu corpo”.

Diante disso, não se pode negar que é “pelo corpo que nós somos tempo e lugar: a voz, o proclama emanação do nosso ser” (SOUZA, 2010, p.61). Um ser que

acaba por se materializar em sua própria margem, no seu próprio rio, no seu próprio saber-dizer.

Essa apropriação é marcada pelo vai-e-vem das marés, levando e trazendo com as embarcações, pessoas, saberes em uma constante troca entre uma margem e outra do rio. E é essa troca que vai construindo a identidade local, moldando os corpos e modificando realidade, na margem de lá, Mazagão Novo, e na margem de cá, a Comunidade Igarapé do Samaúma.

Como escreve Nóbrega (2005, p. 82), “as situações e acontecimentos tem significados que promovem o confronto ou o encontro de corpos e a criação de novas significações, caracterizando a dinâmica viva da produção na cultura de movimento e conferindo a identidade cultural”.

Sobre essas trocas que conferem a identidade ao local e seus pertencentes, podemos perceber que as principais trocas de saberes com a margem de lá se dão através de relações de serviços não encontrados na comunidade como escola, hospital, posto de saúde, dentista, comércio (tanto a compra quanto a venda), porém coexistem outros tipos de trocas que se dão através dos meios de comunicação como a televisão, o rádio e o celular.

Que são refletidos segundo Daólio (1995) em cada gesto que fazemos, na forma como nos sentamos, na maneira como caminhamos, nos costumes com o corpo da gestante, nos cuidados com o bebê, tudo é específico de uma determinada cultura, que não é melhor nem pior que, simplesmente são influenciados pela cultura. Numa multidão, podem-se notar certos comportamentos corporais comuns, que caracterizam e padronizam um determinado povo, como exemplificado anteriormente, podemos ver o deslocamento no meio líquido.

Diante destas especificidades, precisamos enxergar muito além de apenas “o corpo”, que apenas imita eventos cotidianos mas, precisamos enxergá-lo de fato como detentor de inúmeros saberes e fazeres que tem significados singulares dentro de um determinado contexto, fazeres estes que serão determinados de práticas corporais, já que são fruto da cultura que os cerca.

Algumas das práticas corporais que podem ser observadas no seio de cada povo são as relacionadas ao mundo do trabalho, e estas relacionam-se de maneira direta com os chamados “costumes” locais.

Ao se visualizar o corpo, talvez o olhemos erroneamente como se este fosse puramente biológico, ou mesmo universal, já que homens e mulheres, de maneira

geral, mesmo diferentes apresentam semelhanças físicas. Entretanto, para além das semelhanças ou diferenças físicas, existe um conjunto de significados que cada sociedade escreve nos corpos ao longo do tempo, significados estes que definem o que é corpo de maneiras variadas e as maneiras de lidar diante das situações vivenciadas.

Sobre estas práticas Rodrigues (1986, p. 38) afirma que "nenhuma prática se realiza sobre o corpo sem que tenha, a suportá-la, um sentido genérico ou específico". É justamente esse sentido específico que incide sobre toda e qualquer atividade corporal o que impede de pensar o corpo como um dado biológico. O que define corpo é o seu significado, o fato dele ser produto da cultura, ser construído diferentemente por cada sociedade, e não as suas semelhanças biológicas universais. Fica evidente, portanto, que o conjunto de posturas e movimentos corporais representam valores e princípios culturais seja nas relações familiares, entre vizinhos ou mesmo em outras relações como as de trabalho.

Em relação ao trabalho o Morador 1 ressalta que: "Eles fazem o básico, cada um ganha um dinheirinho" – falando em relação aos moradores da comunidade. As práticas de trabalho que constituem o cotidiano da comunidade são: pesca, extrativismo, transporte de escolares no catraio, agente comunitário de saúde, serviços domésticos. É importante ressaltar que a grande maioria das atividades consideradas de trabalho pelos moradores são aquelas relacionadas à obtenção de capital em parte do seu tempo, porém, em parte do tempo em que são realizadas servem para a sobrevivência. Podemos também notar que estas são atividades tipicamente desenvolvidas em um meio rural ribeirinho mas, que possuem características de uma sociedade urbano capitalista.

Esta característica pode ser percebida na atividade de pesca, visto que estes pescam com o intuito de alimentar-se e também de vender nas localidades próximas e ainda na atividade laboral do chamado catraieiro que realiza através do rio o transporte dos escolares no trajeto comunidade-escola e escola-comunidade, recebendo assim proventos da prefeitura do município mas também utilizando-se deste período de transporte para outros fins, inclusive transporte de familiares.

A grande maioria das práticas corporais do contexto ribeirinho em questão está presente nas atividades de trabalho visto que podemos perceber na relação acima que o trabalho confunde-se com a vida do homem ribeirinho que trabalha não somente para a obtenção de capital.

Para , Daolio (1995, p. 39) “no corpo estão inscritos todas as regras, todas as normas e todos os valores de uma sociedade específica, por ser ele o meio de conta o primário do indivíduo com o ambiente que o cerca”. Ao identificar e analisar esse conjunto de regras, normas e valores em um indivíduo, pode se compreender uma sociedade particular, uma vez que no corpo estão impressos os códigos culturais de tal sociedade. Daolio diz que: “mais do que um aprendizado intelectual, o indivíduo adquire um conteúdo cultural, que se instala no seu corpo, no conjunto de suas expressões. Em outros termos, o homem aprende a cultura por meio do seu corpo.”(DAOLIO, 1995, p.40). A aprendizagem em um grupo cultural também passa pelo conjunto de percepções e usos que se tem e se fazem do corpo.



Figura 14 – Ribeirinho carregando a tarrafa

Fonte: Pesquisa de campo (2013)

Se a cultura é manifestação e possuidora de elementos que transformam a sociedade, a cultura de movimento, como produção humana, preserva e ao mesmo tempo transforma a vida social dos grupos quando incorpora elementos diversos, resultantes da própria transformação de hábitos, valores e costumes. (SOARES, 2010, p. 15)

Essa transformação de hábitos se dá através das trocas culturais entre as duas margens do rio, que já foram citadas anteriormente, mas também através de traços vindos de um ambiente externo que estão inseridos o tempo todo no cotidiano

da ilha, como os veículos de comunicação de massa, como a televisão e o rádio, presentes em todos os domicílios do local.

Os meios de comunicação, dentre eles a televisão, vêm exercendo forte influência na cultura de maneira geral, perpassando ideologias e globalizando estereótipos. A televisão caracteriza-se como uma grande escola paralela levando a mesma informação, ao mesmo tempo, a diferentes pessoas, independente de nível social, tendo poder de massificar tais informações, entre elas, informações referentes ao corpo e às práticas corporais, principalmente estando atrelados aos interesses consumistas da sociedade do capital.

Segundo Medeiros (1998) o público mais prejudicado com as informações veiculadas pela mídia é o das crianças, que antes de ter estabelecido valores que concorrerão para a formação de sua personalidade, são atingidas precocemente por tais informações e isso viabiliza a internalização e a perpetuação de valores, dominando e direcionando o inconsciente.



Figura 15 – Morador da comunidade assistindo televisão
Fonte: Pesquisa de campo (2013)

Com relação a esses novos valores, mesmo a parcela da sociedade destituída de poder aquisitivo incorpora também tal estilo de vida consumista, por

meio de consumo das imagens “em si”. As pessoas projetam-se no personagem, no modelo. Projetam necessidades e desejos.

Todas as práticas ligadas a esse contexto coletivo são exemplos da cultura popular, e o seu caráter de troca as torna mais importantes. A indústria cultural tenta suplantá-la. A massificação da cultura proveniente da globalização se constitui como forma de exterminar a cultura popular, para incutir cada vez mais os valores de consumo. (SOARES, 2010, p. 15)

Um dos fatores responsáveis por essa mudança foi a chegada da energia elétrica a mais ou menos 2 anos atrás vista como algo positivo para a população da comunidade, que introduziu em sua vida diversas “facilidades elétricas” que por vezes não servem somente para o lazer, como a televisão mas, por outro lado, acabam substituindo as práticas corporais antes presentes, agora nem tão presentes, ou melhor, quase ausentes.

Os moradores podem não observar de maneira direta os impactos negativos da chegada da energia elétrica na comunidade, mas já começam hoje a senti-lo, como retratado pelo morador 1: “Essa luz que veio pra cá maltratou os meus filhos, tudo eles tem dor nas costas”. Na tentativa de dizer mesmo que de maneira indireta que após a chegada da luz, com os novos hábitos de vida, vieram outros tipos de doenças.

Neste sentido, Silva (1999) vem corroborar esta reflexão afirmando que a economia de mercado articula meios eficazes e sutis de dominação em que, através de seus artifícios de manipulação de massa, faz desaparecer a consciência da dominação naqueles que são dominados. Para a autora:

a televisão enquanto posto avançado da mídia, admitida real ou potencialmente em todos os lares do planeta, vai processando esse embotamento das consciências. Seu trabalho é lento e suave e, por isso, extremamente eficaz: acaba por fazer parte daqueles que o assistem, na medida em que representa um prolongamento não só de seus olhos e ouvidos, mas uma excitação dos seus nervos, do seu apetite, dos seus desejos. Modela seus princípios éticos e estéticos e se sobrepõe ao sistema de educação formal, que sucumbem frente a seus encantos (p. 157,158).

Sobre isto Nóbrega (1999, p. 44) alerta:

Nesse processo desenfreado de globalização corremos o risco da massificação, da submissão, perdemos as nossas referências mais significativas, como as do nosso corpo. A parceria com a tecnologia é fundamental, mas a cultura não se reduz à realidade virtual, há outras referências que dimensionam a cultura, para além da ordenação binária dos objetos cibernéticos, por exemplo, a sensibilidade expressiva da corporeidade.



Figura 16 – Ribeirinhos deslocando-se de rabeta e utilizando celular.
Fonte: Pesquisa de campo (2013)

Um dos objetos presentes neste contexto é o telefone celular, artefato tecnológico que serve para encurtar as distâncias entre as pessoas, que neste local curiosamente não serve especificamente para esse fim visto que não há sinal de qualquer operadora que chegue até a região, pegando apenas com o auxílio de uma antena externa fixa nas casas, sendo que o local possui apenas duas antenas e a maioria dos moradores, inclusive as crianças, possuem o aparelho, provocando uma mudança, como descrito no parágrafo abaixo:

Artificializar as condições de cuidado com as atividades físicas não parece ser a melhor saída para chamar a atenção dos sujeitos sobre as práticas de cuidado. É neste deslocamento que verificamos o olhar das práticas corporais, como discurso do corpo em movimento em contraste com o discurso pautado sob os domínios do mercado. É neste deslocamento também que verificamos a possibilidade de falar sobre os cuidados com a saúde e é deste ponto que aqui seguimos. (ALVES e CARVALHO, 2010, p.235)

A influencia exercida pelos meios de comunicação é percebida de maneira positiva, de maneira negativa e também de maneira irrelevante, irrelevante não no sentido de que não serviria em local algum mas, no sentido de que por não serem próprias daquele local são até levadas em consideração pelos moradores porém não são utilizadas. No caso da esteira (Figura 17) e da bicicleta (Figura 18).



Figura 17 – Esteira da casa de um morador da comunidade

Fonte: Pesquisa de campo (2013)

Estes artefatos são injetados não somente a partir de influências dos meios de comunicação, como a televisão, que os mostra como capazes de promover uma melhor qualidade de vida para as pessoas mas também através de alguns discursos, como neste caso específico o discurso médico, como demonstrado na fala do morador 1: “A doutora lá me disse que é pra caminhar, eu caminho, mas no caminho do mato e ela disse que não é bom porque eu posso cair. Aí a senhora vai voltar aqui e dizer: “Dotôra, meu osso quebrou”, ela me arremedando”.

A narrativa do morador em questão é clara ao afirmar que a médica colocou a necessidade do caminhar, mas o caminhar como atividade física e não como uma prática corporal cotidiana. Sendo que neste caso, a esteira foi utilizada apenas uma vez.



Figura 18 – Bicicleta pertencente a um dos moradores da comunidade

Fonte: Pesquisa de campo (2013)

A bicicleta é uma figura que não pertence àquele contexto visto que é impossível deslocar-se com ela pelas águas e ainda, o a comunidade é ligada por curtas pontes de madeira nas quais não há necessidade de se utilizar a bicicleta, não sendo esta utilizada.

Esses dois fatos nos deixa claro que existem algumas práticas típicas da sociedade urbana que adentram a sociedade da beira dos rios mas que de lá não fazem parte e acabam por entrar no imaginário das pessoas como boas práticas sem a reflexão de que existem outras que fariam muito mais sentido se lá estivessem, como o banho de rio, a natação, entre outras.

As manifestações culturais são expressões significativas de cada povo que apresentam uma diversidade de práticas corporais construídas e apropriadas historicamente, de forma refletida ou não, em diferentes culturas. Nessa perspectiva devem-se identificar seus sentidos e procurar compreender os significados, como ressalta Daólio (2004, p.66):

[...]o ser humano é um ser mais dinâmico e dotado de individualidade, inserido num contexto sociocultural igualmente dinâmico e eminentemente simbólico. A visão de Educação Física, nesse caso, também parece ser ampliada, uma vez que procura contemplar não só as dimensões física,

psicológica e social humanas, mas ver o ser humano como a totalidade indissociável entre esses aspectos.

Daolio (1995) ainda ressalta que, fundamentado em Marcel Mauss(1974), falando das técnicas corporais específicas de um meio social como sendo atos tradicionais, que deveriam ser eficazes em uma determinada cultura, afirmando ainda que é pela transmissão dessas técnicas que o homem se distingue dos animais. Isso implica um processo de educação para que os sujeitos de diferentes contextos sociais possam aprender o conjunto de técnicas corporais de seu meio. A partir de tal compreensão, podemos entender os gestos, os movimentos corporais, os comportamentos aceitos ou não em determinados grupos ou sociedades como atos culturais.



Figura 19 – Ponte da comunidade
Fonte: Pesquisa de campo (2013)

É nesse ambiente, sobre as pontes (Figura 19) que as especificidades fazem com que determinadas práticas não tenham lugar e outras precisem ser mantidas. E, “é essa identidade que singulariza os temas da cultura, tornando local o que é universal e garantindo a regionalidade, tendo em conta que o corpo é sede de signos sociais, em que estão inscritos as normas e valores culturais”. (SOARES, 2010, p. 34)

Embora se compreenda a existência de uma relação entre educação física e saúde estabelecida no decorrer do tempo, idealizando as práticas corporais como produtoras de saúde, há também a necessidade de se questionar os conceitos implícitos nessa relação e as questões que se colocam cotidianamente no meio onde o homem está inserido. Assim, chama-se atenção para os conteúdos, espaços e populações privilegiadas nas intervenções; os valores que orientam as ações profissionais, assim como o acesso às práticas e conhecimentos da cultura corporal de movimento.

É possível observar também um movimento provindo da área da saúde. Portanto, a obtenção da saúde é também resultante de, como define Minayo et al. (2000, p.12), um “híbrido biológico-social, mediado por condições mentais, ambientais e culturais”, de modo que as intervenções passam a ser também de diferentes ordens. A saúde coletiva tem trabalhado nessa linha e valorizado todos aqueles que, de uma ou outra forma, contribuem para a produção de saúde.

Acredita-se que esse desafio é possível de ser realizado tendo as práticas corporais como orientação para tal finalidade. Dessa forma, olhar para a diversidade cultural e os tipos de relacionamento com a natureza que ela inaugura a partir de distintas prioridades, interesses e sonhos para com a vida ajuda a pensar considerações mais pertinentes e responsáveis na interação do homem com a natureza que se faz por meio das práticas corporais. Ao mesmo tempo, contribui por despertar construções futuras: saberes e práticas no campo da educação física que empreendam um pensar o mundo e agir sobre o planeta para a constituição de relações mais harmônicas e fraternas entre os homens, entre estes e a natureza, contribuindo, por fim, para a saúde que se quer.

Diante deste quadro, Caetano (2011) define que os meios de comunicação praticamente afastam-se dos verdadeiros problemas inerentes à saúde da população, sendo a participação dos *media* na promoção da saúde muitas vezes direcionada a discursos simplistas, mercadológicos, reduzidos a uma linguagem quase que banalizada, além da tendência dos *media* de transformar as notícias sobre saúde em espetáculo.

Para reverter tal situação, deve-se tentar, hoje, valorizar o aspecto cognitivo desta população, procurando-se resgatar o saber que a população amazônica possui sobre o ambiente, o qual durante séculos lhe permitiu desenvolver estratégias de adaptação frente às mudanças ambientais, numa relação equilibrada

de troca entre o homem e o ambiente. A esta população tem sido atribuída a responsabilidade de saber combinar desenvolvimento econômico com renovação dos recursos naturais, ou seja, desenvolver estratégias que combinem qualidade de vida e preservação ambiental. Esse desenvolvimento responsável implica em saber explorar os recursos, evitando o desperdício, e favorecendo a renovação do patrimônio natural e cultural.

4. REMANDO CONTRA A MARÉ: CONSIDERAÇÕES TRANSITÓRIAS

Cabocos
Sumanos,
Morenos, serenos
Dos cafundós
Do Amapá

Quem te ensinou
Viver no silencio
Quem te ensinou
Viver desse rio

Desde os tempos de menino
Ouvia assovios no buritizal
Uma festa de acauãs, bacurais
E os murucututus cortavam os quiriris
Nas noites dos matagais

O que vai acontecer
O meu povo quer saber
Quem vai cuidar desse lugar
Salvar os quintais desse brasil

O que vai acontecer
O que você tem pra dizer
Desses suicídios animais
Nos litorais e nas beiras de rio

Não pense só em você...

(Quintais do Brasil – Amadeu Cavalcante)

Inicialmente, gostaria de ressaltar a satisfação em ter realizado essa pesquisa e sua contribuição em minha vida, esta grandiosa experiência me levou a compreender e respeitar ainda mais o modo de vida do povo ribeirinho.

Meu pensar neste momento procede exatamente igual ao meu fazer dissertativo que se permite ser/estar transitório num intenso processo de (re)construção.

Só o envolvimento com a pesquisa científica permite a dimensão exata da transformação possível através da investigação. Foi ver a construção de certezas e novas percepções, visualizar no futuro possíveis intervenções junto à comunidade

ribeirinha que me deu cada vez mais ânimo para este resultado. Por isso, não tenho a pretensão de redigir conclusões definitivas de minha pesquisa nessas páginas finais. Ousarei denominá-las apenas de “transitórias” configurando-se como considerações provisórias, em um processo de transformação, desconstrução e reconstrução, que navegam com o rio juntamente com o vai e vem das marés.

As observações realizadas na Comunidade Igarapé do Samaúma permitiram compreender o ribeirinho não mais como aquele sujeito tímido e preguiçoso, que apenas faz as coisas para a sua sobrevivência, mas a influência da sociedade capitalista fez com que este fosse inserido os meios de produção do capital, deixando bem claro que o ribeirinho não é um ser ingênuo, despolitizado sendo apenas levado pelo curso dos rios, como poderiam alguns supor, mas um ser atuante dentro de seu contexto.

Para compreender o universo das populações ribeirinhas, temos que efetivamente mergulhar naquele local, no sentido de buscar respostas às nossas indagações, conhecer literaturas que falam dessa população, por mais que sejam excassas, e, ter um olhar sem pré-conceitos no vivenciar do cotidiano, sem a concepção de uma realidade igual a de muitos anos atrás de que o ribeirinho é um ser isolado que se desenvolve em um contexto sem influências da sociedade urbana, principalmente porque sua construção se dá dentro de redes culturais.

Deve se reconhecer as peculiaridades do modo de vida ribeirinho, a presença constante da mata e dos rios, o vai e vem das marés, o distanciamento dos vizinhos, mas também precisa ser visualizado o encurtamento desta distância através dos aparatos tecnológicos que constituem aspectos do cenário onde a comunidade das ilhas desenvolve um modo de vida típico a qual sua cultura foi capaz de moldar.

São as manifestações culturais as responsáveis por esses moldes que dão formas à sociedade, inerentes às pessoas que de lá daquela região fazem parte, caracterizando uma espécie de pertencimento que não é regido por normas ditadas mas, por vários modos de olhar o mundo que são frutos de interações, de saberes, de fazeres, de uma rede infinita de conhecimentos que, neste caso específico foi delimitada pelos conhecimentos referentes às práticas corporais e à saúde, moldados não pelo olhar muitas vezes excludente do modelo científico mas, do pensamento selvagem que acredita que o conhecimento não sistematizado apresenta verdades e precisa ser considerado, para isso, exalta-se aqui o saber da beira dos rios e sua valorização.

Este estudo entende, portanto, que os fenômenos culturais, sobretudo aqueles relativos às práticas corporais cotidianas que ocorrem no contexto cultural de ribeirinhos, ocorrem de uma forma sistêmica, dialética e contextualizada e que todos os aspectos que envolvem tais situações, como as interações interpessoais e com os contextos, configuram-se como reveladores do modo de vida dos sujeitos envolvidos e como indicadores importantes para o estudo destas práticas.

No caso do ribeirinho da Comunidade Igarapé do Samaúma, o morar na beira do rio e depender dele, as trocas culturais entre as duas margens do rio, a chegada da energia elétrica e suas “facilidades” típicos daquele contexto parecem influenciar diretamente nas práticas corporais que lá são encontradas, é evidente portanto que a cultura não se trata de um sistema fechado.

A cultura ribeirinha, portanto, é reconstruída sempre com o vai e vem das marés, recriando e inventando novas práticas e maneiras de compreendê-las, assim como a sua relação com a saúde. Assim, as redes e suas manifestações simbólicas são fruto e instrumento do modo de vida desses povos.

É necessário enfatizar, ainda, a importância de estudos envolvendo a chamada Epidemiologia Social com populações específicas, pois as informações obtidas por meio dessas pesquisas, quando analisadas dentro de suas especificidades, possibilitam uma visão mais ampla e real do fenômeno saúde-doença.

Em relação aos objetivos deste estudo constatamos que as práticas corporais mais presentes no cotidiano ribeirinho são aquelas relacionadas ao mundo do trabalho, afazeres domésticos e ao descanso. Neste caso, o sedentarismo torna-se visível, não em relação às práticas de descanso mas, práticas como o banho de rio, o remar, o nadar estão sumindo deste contexto e o tempo que elas ocupavam está sendo substituído por práticas como ver televisão.

A saúde através do olhar dos moradores é percebida como o cuidado com a alimentação e a prática de atividades físicas, porém esse conceito construído por eles é o conceito oriundo das trocas culturais com o ambiente urbano e que por diversas vezes não é aplicável ao contexto ribeirinho. Como exemplo, podemos ressaltar a existência de instrumentos como a bicicleta, que não é aplicável no local.

Ainda em relação ao contexto da Saúde e cuidados, estes são frequentemente relacionados a vacinas enquanto que os principais problemas eu

começam a aparecer como a hipertensão arterial são decorrentes principalmente dos maus hábitos de vida como o sedentarismo. E, este contexto não compactua com a ideia de sedentarismo, pois estes precisam “vencer” algumas barreiras da vida na beira dos rios como o próprio deslocamento do meio líquido, porém estes hoje utilizam com mais frequência as facilidades que a vida moderna oferece do que a energia provinda do próprio corpo, como no caso de uso de motores nas embarcações menores.

Sobre as mudanças nas práticas corporais estas podem ser interpretadas como a penetração do global no local, uma vez que as trocas culturais permitem que o contexto esteja em constante modificação, podendo ser por diversas vezes influenciada pela cultura de massa, injetada através de um dos veículos de comunicação mais comuns nos dias de hoje, a televisão, que está muito presente no contexto local.

Diante destes resultados verifica-se que é necessário incentivar a valorização da cultura ribeirinha, além de promover ações educativas em relação às práticas corporais relacionadas à saúde.

Antes de encerrar estas reflexões recordemos o desenho da rede de pesca, que neste trabalho também foi definido como tarrafa, feito pelas mãos do pescador no contexto ribeirinho, os vários fios tecidos nessa rede social ao longo da trajetória dos moradores da comunidade vão esculpindo suas identidades, e os amarrando, entrelaçando e dando novos nós, envolvendo outros sujeitos e contextos que transformam as relações sociais e constroem a identidade cultural local.

Nessa viagem pela Amazônia ribeirinha foi possível perceber este povo através de uma nova ótica, fazendo com que muitas ideias pré-concebidas ficassem de lado, permitindo um mergulho mais aprofundado sobre a vida e o mundo do caboclo ribeirinho.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALCÂNTARA, Jeanne Vinagre. **A saúde ambiental de Ribeirinhos do Baixo Acará**. Dissertação (mestrado) Universidade Federal do Pará, Núcleo de Altos Estudos Amazônicos, Curso de Mestrado em Desenvolvimento Sustentável do Trópico Úmido, 2008.

ALMEIDA-FILHO, N. **Modelos de determinação social das doenças crônicas não-transmissíveis**. *Cien Saude Colet*, 2004; 9(4):865-884.

ALVES, Flávio Soares. CARVALHO, Yara Maria de Carvalho. Movimento , Porto Alegre, v. 16, n. 04, p. 229-244, outubro/dezembro de 2010.

BECKER, Berta K. Amazônia. São Paulo: Editora Ática, 1998.

BRACHT, Valter. **Educação Física: conhecimento e especificidade**. In: Trilhas e Partilhas: Educação Física na cultura escolar e nas práticas sociais/ Eustáquia Salvadora de Sousa, Tarcísio Mauro Vago (org.). Belo Horizonte: Editora Cultura, 1997.

BRASIL. Decreto nº 6.040, de 7 de fevereiro de 2007. Institui a Política Nacional de Desenvolvimento Sustentável dos Povos e Comunidades Tradicionais. **Diário Oficial da União**. 2007 fev 8; Seção1. p. 316.

CAETANO, A. **O Discurso sobre saúde na mídia: limites e possibilidades de tematização na Educação Física escolar**. Dissertação (Mestrado em Educação Física). Florianópolis: PPGEF/UFSC, 2011.

CAVALCANTE, Lucíola Inês Pessoa; WEIGEL, Valéria Augusta C. de M. **Educação na Amazônia: oportunidades e desafios**. In.: MELLO, Alex Fiúza (org.). O futuro da Amazônia: dilemas, oportunidades e desafios no limiar do século XXI. Belém: Editora Universitária UFPA, 2002.

CECCONELLO, A. KOLLER, S. H. **Inserção ecológica na comunidade: proposta metodológica para o estudo de famílias em situação de risco**. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 16, 515-524, 2003.

CHAUÍ, Marilena. **Cultura e democracia**. São Paulo: Editora Moderna, 1994.

COSTA, Maria José Jackson (Org.). **Sociologia na Amazônia: debates teóricos e experiências de pesquisa**. Belém: UFPA, 2001

DAOLIO, J. **Da cultura do corpo**. Campinas: Papirus, 1995.

_____. **Educação Física e o conceito de cultura: polêmicas do nosso tempo**. Campinas: Autores associados, 2007.

DIEGUES, Antonio Carlos; Arruda, Rinaldo, S.V. (Orgs.). **Saberes tradicionais e biodiversidade no Brasil**. Brasília: Ministério do Meio Ambiente; São Paulo: USP, 2001.

FURTADO, Lourdes Gonçalves (Org.). **Amazônia, desenvolvimento, sociodiversidade e qualidade de vida**. Belém: UFPA/NUMA, 1997.

GEERTZ, C. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan S.A, 1989.

GODELIER, Maurice. **L' idéal et le matériel: pensée, économies, sociétés**. Paris: Fayard, 1984.

HARRIS, A. G. **Life on the Amazon: The anthropology of a brazilian peasant village**. Oxford, UK: University Press, 2000.

JATENE, S. R.; BRITTO, R. C.; MOURA, E. A. F.; SÁ, E. V.; DINIZ, A. **A meia vida da criança na Amazônia**. Belém: UNAMAZ, UFPA, (Série Pobreza e Meio Ambiente na Amazônia, 3), 1993.

KINCHELOE, J. L. BERRY, K. S. **Pesquisa em Educação: Conceituando a bricolagem**. Porto Alegre: Artmed, 2007.

KRIEGER, N. **Introducción a la Epidemiología Social**. Parte II. Boletín Epidemiológico / OPS, v. 23, n. 2, p. 1-13, 2002.

LANGDON, Esther Jean. WIIK, Flávio Braune. **Antropologia, saúde e doença: uma introdução ao conceito de cultura aplicado às ciências da saúde**. Rev. Latino-Am. Enfermagem, 18(3):[09 telas] mai-jun 2010. Disponível em: www.eerp.usp.br/rlae

LARAIA, R. **Cultura: um conceito antropológico**. 18. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

LAST, J. **Dictionary of epidemiology**. New York: Oxford University Press, 1983.

LE BRETON, David. **Antropologia do corpo e modernidade**. Petrópolis: Vozes, 2011.

_____. **A sociologia do corpo**. Rio de Janeiro: Vozes. 2006.

LEITE, M. (Org.). **Dez anos de IPAM: Instituto de Pesquisa Ambiental da Amazônia**. São Paulo: Peirópolis, 2005.

LEVI-STRAUSS, C. **O pensamento selvagem**. Campinas: Papirus, 1989.

LORDELO, E. R. **Contexto e desenvolvimento humano: quadro conceitual**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2002.

LOUREIRO, J. J. P.. **Cultura amazônica: Uma poética do imaginário**. São Paulo, SP: Escrituras, 2000.

_____. **Cultura amazônica – uma poética do imaginário**. Belém, Cejup, 1995.

MACHADO, Maria das Dores de Jesus. **Diferenças intra-urbanas de saúde em Belém, Pará**. Belém: NAEA, 2004.

MAFFESOLI, M. **No fundo das aparências**. Petrópolis: vozes, 1996

MATOS, G. FERREIRA, M. **Práticas Corporais num Ambiente Rural Amazônico**. Rev. Bras. Cienc. Esporte, Campinas, v. 28, n. 3, p. 71-88, maio 2007.

MAUSS, M. **Sociologia e antropologia**. São Paulo: Edusp, 1974.

MAYBURY-LEWIS, Biorn. **Terra e Água: identidade camponesa como referência de organização política entre os ribeirinhos do Rio Solimões**. In: Amazônia, desenvolvimento, sócio-diversidade e qualidade de vida/ Lourdes Gonçalves Furtado (org.). Belém: UFPA/ NUMA, 1997.

MEDEIROS, M. **Didática e prática de ensino da Educação Física** : para além de uma abordagem formal. Goiânia: UFG, 1998.

MEDINA, N. **Educação ambiental**: Uma nova perspectiva. Série Cadernos Pedagógicos. Cuiabá: Secretaria Municipal de Educação e Universidade Federal do Mato Grosso, 1994.

MELLO, Anísio. **Estórias e Lendas da Amazônia**. São Paulo, Literart, 2000.

MENDES, Jacqueline Araujo Corrêa. **Ponto de Tecer Vidas Ribeirinhas** : identidade e prática profissional de professores na Bacia do Médio São Francisco / Jacqueline Araújo Corrêa Mendes. - 2007. 225 f . : il. Orientador: Carlos Rodrigues Brandão. Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de Uberlândia, Programa de Pós-Graduação em Geografia.

MINAYO, M. C. S.; HARTZ, Z. M. A.; BUSS, P. M. **Qualidade de Vida e saúde**: um debate necessário. *Ciência & Saúde Coletiva*. Rio de Janeiro, v. 5, n.1, 2000, p. 7-18.

_____. **O Desafio do Conhecimento**: Pesquisa Qualitativa em Saúde. 12. ed. São Paulo: HUCITEC, 2010.

MONTEIRO, Rodrigo Márcio Gomes. CÂMARA, Rizomar Barreto da. **Valorização da Cultura Mazaganense**: origem e simbologia da dança do Sairé no distrito do Carvão. 62ª Reunião Anual da SBPC (Anais), 2009.

NÓBREGA, T.P. da. **Elementos para uma epistemologia da corporeidade**: um diálogo com Merleau-Ponty e as ciências da complexidade. Piracicaba, 1999. (Tese, Doutorado em Educação -Faculdade de Educação, Universidade Metodista de Piracicaba - UNIMEP/SP).

_____. **Corporeidade e educação física**: do corpo objeto ao corpo sujeito. 2ª Edição, Natal, RN: EDUFURN, 2005.

PORTO, M.F.S. **Riscos, incertezas e vulnerabilidades**: transgênicos e os desafios para a ciência e a governança. In: PORTO, M.F.S et al. *Abordagens ecossociais: pensando a complexidade na estruturação de problemas em saúde e ambiente*. São Paulo: ANPPAS, 2004.

RIBEIRO, Marcela Arantes. **Entre O Rio E A Mata**: História oral e Espaço Vivido em Comunidades Ribeirinhas. 10º Encontro de História Oral, 2010. Disponível em: www.encontro2010.historiaoral.org.br

RIEPPER, A. **A economia ribeirinha e os tempos da natureza**. Disponível em: <<http://www.ufpa.br/naea/siteNaea35/anais/html/geraCapa/FINAL/GT5-129-1133-20081128212727.pdf>> Acesso em: 10/0ago./2012.

RODRIGUES, D. MOTA JÚNIOR, W. **Formação Histórica de São Domingos do Capim**. In Cartografias ribeirinhas: saberes e representações sobre práticas sociais cotidianas e de alfabetizando amazônidas. OLIVEIRA, I. (Org.). Belém: CCSE-UEPA; Graphite, 2004.

RODRIGUES, J. C. **Tabu do corpo**. 4ªed., Rio de Janeiro: Dois Pontos, 1986.

SILVA, Ana Márcia. DAMIANI, Iara Regina (Org.) **Práticas corporais: Gênese de um movimento investigativo em Educação Física**. Florianópolis: Nauembla Ciência & Arte, 2005.

_____. **O corpo do mundo: reflexões acerca da expectativa de corpo na modernidade**. Ilha do Desterro, 1999. (Tese, Doutorado Interdisciplinar em Ciências Humanas – Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina/SC).

SOARES et al. **Metodologia do ensino da educação física**. São Paulo: Cortez, 1992.

SOARES, Marta Genú. **Para uma cartografia lúdica da Amazônia**. Belém: EDUEPA, 2010

SOUZA, Adirleide Greice Carmo de. DIAS, Rafael Dantas. **Impactos sociais provocados por embarcações de grande porte à comunidade de pescadores Mazagão/ap**. XV ENCONTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS DO NORTE E NORDESTE e PRÉ- ALAS BRASIL. setembro de 2012, UFPI, Teresina-PI.

SOUZA, Roseli. **Entre o rio e a rua: cartografia de saberes artístico-culturais da Ilha de Caratateua**. Belém do Pará: EDUEPA, 2010.

TEIXEIRA, Elizabeth. **Travessias, redes e nós: complexidade do cuidar cotidiano de saúde entre ribeirinhos**. Escola Anna Nery Revista de Enfermagem, vol. 4, núm. 2, agosto, 2000, pp. 269-278, Universidade Federal do Rio de Janeiro - Brasil. Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=127718323015>

UCHÔA, E. **Epidemiologia e Antropologia**: contribuições para uma abordagem dos aspectos transculturais da depressão. In: CANESQUI, Ana Maria. Ciências Sociais e Saúde. São Paulo: UCITEC-ABRASCO, 1997. P. 87-109.

ULIN, P. R.; ROBINSON, E. T.; TOLLEY, E. E. **Qualitative methods in public health**. São Francisco: Jossey-Bass, 2005.

ZEE. **Macrodiagnóstico do Estado do Amapá**: primeira aproximação do ZEE: Equipe técnica do ZEE – AP. Governo do Estado do Amapá – GEA/ Instituto de Pesquisas Científicas e Tecnológicas do Amapá – IEPA, 2002. 140p.

ANEXO A



UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAPÁ
COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA

CERTIFICADO

Certificamos para os devidos fins que o Protocolo de Pesquisa sobre "TECENDO REDES SOBRE A SAÚDE DOS POVOS TRADICIONAIS DA AMAZÔNIA: UM ENFOQUE ANTROPOLÓGICO SOBRE A RELAÇÃO ENTRE AS PRÁTICAS CORPORAIS E SAÚDE DOS RIBEIRINHOS", sob a responsabilidade de Layana Costa Ribeiro Cardoso, está de acordo com os Princípios Éticos na Experimentação Humana, adotados pelo Comitê Nacional de Ética em Pesquisa - CONEP, e foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da Universidade Federal do Amapá (UNIFAP), em reunião realizada em 12/03/2013.

Data para apresentação do relatório no CEP-UNIFAP: 11/03/2014

CERTIFICATE

We certify that the protocol about "TECENDO REDES SOBRE A SAÚDE DOS POVOS TRADICIONAIS DA AMAZÔNIA: UM ENFOQUE ANTROPOLÓGICO SOBRE A RELAÇÃO ENTRE AS PRÁTICAS CORPORAIS E SAÚDE DOS RIBEIRINHOS", Layana Costa Ribeiro Cardoso, is in agreement with the Ethical Principles in Human Research adapted by National Ethical Committee (CONEP) and was approved by the Universidade Federal do Amapá (UNIFAP) - Ethical Committee for Research (CEP) in 12/03/2013.

Macapá, 12 de março de 2013



Prof. Msc. Alexandre Souto Santiago
Coordenador - CEP-UNIFAP

Universidade Federal do Amapá
Comitê de Ética em Pesquisa - CEP - UNIFAP
Rod. JK, km 7, Marco Zero CEP 68908-130 - Macapá - AP - Brasil
Email: cep@unifap.br

APÊNDICE A

UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAPÁ
MACAPÁ – AP – BRASIL

MESTRADO EM CIENCIAS DA SAÚDE

Pesquisador Responsável: LAYANA COSTA RIBEIRO CARDOSO

Endereço: AV. SALGADO FILHO, 1072

CEP: 68901-281 – MACAPÁ – AP

Fone: (96) 91619272/ (96)81408481

E-mail:layanacardoso@gmail.com

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

O Sr. (a) está sendo convidado (a) como voluntário (a) a participar da pesquisa “**TECENDO REDES SOBRE A SAÚDE DOS POVOS TRADICIONAIS DA AMAZÔNIA: UM ENFOQUE ANTROPOLÓGICO SOBRE A RELAÇÃO ENTRE AS PRÁTICAS CORPORAIS E SAÚDE DOS RIBEIRINHOS.**”. Neste estudo pretendemos Compreender a relação entre práticas corporais cotidianas e saúde, interpretando, do ponto de vista antropológico, os aspectos epidemiológicos do ambiente ribeirinho. .

O motivo que nos leva a estudar A Amazônia, além de um vasto e complexo ecossistema, é também o habitat de um considerável contingente populacional humano. Grande parte desse contingente está concentrada nas áreas urbanas, porém milhões de pessoas vivem nas áreas rurais. Embora a Amazônia Legal tenha o maior contingente populacional rural do país, pouco se sabe sobre a diversidade sociocultural dessas populações, e muito menos é conhecido sobre sua situação de saúde. Daí a importância de se incluir estudos acerca das práticas corporais das populações tradicionais da Amazônia relacionando-as com a cultura, para detectar os possíveis problemas de saúde o mais precocemente possível e sugerir ações que possam auxiliar na promoção do bem-estar destes povos, considerando que estes dados coletados de uma população darão oportunidades aos profissionais da área da saúde em tomar as decisões necessárias, para que haja uma melhoria na

qualidade de vida desses sujeitos, evitando assim um problema de saúde pública, que com o decorrer dos anos possa se tornar mais agravante.

Para este estudo adotaremos os seguintes procedimentos a seleção de métodos utilizada será o contato inicial com a comunidade através de seus representantes visando estabelecer uma relação mais próxima com os moradores e conhecer um pouco da comunidade através da história oral contada pelos seus representantes, será fornecido o termo de consentimento livre e esclarecido (TCLE) para o líder da comunidade assim como para os moradores que participarem do estudo em questão.

Em um segundo momento será realizada a inserção ecológica, na qual o pesquisador firma um contato mais estreito com o seu sujeito estudado no qual os registros sobre as práticas corporais cotidianas serão feitos através de observações relatadas em um diário de campo, além de registros fotográficos.; Não haverá riscos para os participantes da pesquisa.

Para participar deste estudo você não terá nenhum custo, nem receberá qualquer vantagem financeira. Você será esclarecido (a) sobre o estudo em qualquer aspecto que desejar e estará livre para participar ou recusar-se a participar. Poderá retirar seu consentimento ou interromper a participação a qualquer momento. A sua participação é voluntária e a recusa em participar não acarretará qualquer penalidade ou modificação na forma em que é atendido pelo pesquisador

O pesquisador irá tratar a sua identidade com padrões profissionais de sigilo.

Os resultados da pesquisa estarão à sua disposição quando finalizada. Seu nome ou o material que indique sua participação não será liberado sem a sua permissão.

O (A) Sr (a) não será identificado em nenhuma publicação que possa resultar deste estudo.

Este termo de consentimento encontra-se impresso em duas vias, sendo que uma cópia será arquivada pelo pesquisador responsável, na UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAPÁ e a outra será fornecida a você.

Caso haja danos decorrentes dos riscos previstos, o pesquisador assumirá a responsabilidade pelos mesmos.

Eu, _____, portador do

documento de Identidade _____ fui informado (a) dos objetivos do estudo “**TECENDO REDES SOBRE A SAÚDE DOS POVOS TRADICIONAIS DA AMAZÔNIA: UM ENFOQUE ANTROPOLÓGICO SOBRE A RELAÇÃO ENTRE AS PRÁTICAS CORPORAIS E SAÚDE DOS RIBEIRINHOS.**”, de maneira clara e detalhada e esclareci minhas dúvidas. Sei que a qualquer momento poderei solicitar novas informações e modificar minha decisão de participar se assim o desejar.

Declaro que concordo em participar desse estudo. Recebi uma cópia deste termo de consentimento livre e esclarecido e me foi dada à oportunidade de ler e esclarecer as minhas dúvidas.

Macapá, _____ de _____ de 20____ .

RG: _____

APÊNDICE B
CARTA DE AUTORIZAÇÃO PARA PESQUISA

Eu, _____,
líder comunitário da comunidade ribeirinha Samaúma, localizada às margens do Rio Amazonas, no Município de Mazagão, no Estado do Amapá, autorizo Layana Costa Ribeiro Cardoso, regularmente matriculada (201211960008) no Curso de Pós-Graduação Stricto sensu Mestrado em Ciências da Saúde da Universidade Federal do Amapá – UNIFAP, para realizar a pesquisa intitulada “**TECENDO REDES SOBRE A SAÚDE DOS POVOS TRADICIONAIS DA AMAZÔNIA: UM ENFOQUE ANTROPOLÓGICO SOBRE A RELAÇÃO ENTRE AS PRÁTICAS CORPORAIS E SAÚDE DOS RIBEIRINHOS**”, sob responsabilidade do orientador Prof^o Dr. Márcio Romeu Ribas de Oliveira.

Declaro estar ciente que para esta investigação, a Mestranda utilizará como instrumento para coleta de dados – observações no dia a dia da comunidade, entrevistas e questionários direcionadas aos moradores e realização de imagens através de fotografias, no período de dezembro de 2012 a julho de 2013. Além disso, este estudo não onerará os sujeitos da pesquisa sendo garantido sigilo e o anonimato.

Líder Comunitário da Comunidade Samaúma
Mazagão - AP